



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

MARIA FABIANA BRITO SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DOS ALUNOS DO 2º ANO
DO E.F DA ESCOLA ANTÔNIO LINS DE SOUZA**

MACEIÓ

2015

MARIA FABIANA BRITO SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DOS ALUNOS DO 2º ANO
DO E.F DA ESCOLA ANTÔNIO LINS DE SOUZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob orientação da Profa. Dra. Nanci Helena Rebouças Franco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

MACEIÓ

2015

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

S2371 Santos, Maria Fabiana Brito.
A literatura infanto-juvenil no processo de construção de identidade étnico-racial dos alunos do 2º ano do E.F. da Escola Antônio Lins de Souza / Maria Fabiana Brito Santos. – 2015.
95 f. : il.

Orientadora: Nanci Helena Rebouças Franco.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Maceió, 2015.

Bibliografia: f. 79-82.
Apêndices: f. 83-95.

1. Alunos – Autoestima. 2. Identidade étnico-racial. 3. Personagem negro – Literatura infanto-juvenil. 4. Educação. I. Título.

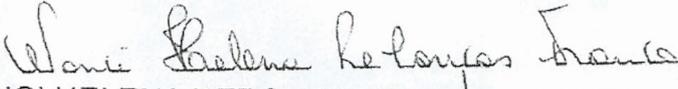
CDU: 37:82-93

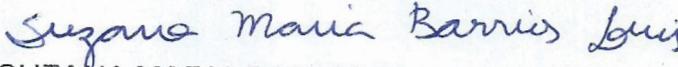
“A importância da Literatura Infanto-Juvenil no processo de construção de
identidade étnico-racial dos alunos do 2º ano do E.F da Escola Antônio Lins de
Souza”

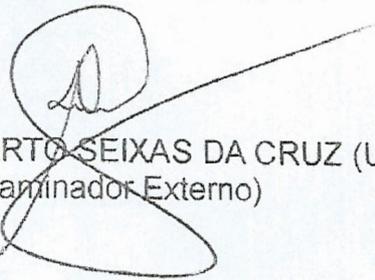
MARIA FABIANA BRITO SANTOS

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de
Alagoas e aprovada em 28 de maio de 2015.

Banca Examinadora:


NANCI HELENA REBOUÇAS FRANCO (PPGE/UFAL)
(Orientadora)


SUZANA MARIA BARRIOS LUIS (PPGE/UFAL)
(Examinadora Interna)


ANTONIO ROBERTO SEIXAS DA CRUZ (UEFS)
(Examinador Externo)

Dedico essa dissertação aos meus MESTRES, meus pais, Valdilene Evangelista dos Santos Brito e Sebastião Vieira de Brito e aos meus avôs maternos: Manoel Evangelista (In memoriam) e Terezinha de Jesus e aos meus avôs paternos: Expedito Brito e Odete Vieira (In memoriam).

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora dos agradecimentos e nesse momento me passa um filme da minha vida. Impossível não se lembrar de onde eu vim... “Eu vim de lá onde o sol faz morada, dia e noite, onde a chuva se perde na imensidão do mar... Lá onde a chuva é ouro, e da terra surge o alimento... Lá onde o meu riso era mais feliz, o meu abraço mais forte, a minha voz mais suave... Lá onde os pássaros cantam bravamente e emanam os mais sinceros sentimentos... Sim, foi lá que meu coração começou a bater desde o ventre de minha mãe... Foi lá onde chorei pela primeira vez, lá onde sorri e iniciei meus primeiros passos, junto do meu povo... É para lá que sempre retorno quando a saudade aperta o meu peito... Eu vim de lá, do meu sertão!”

Agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida de hoje está concluindo mais uma etapa da minha vida. Oriunda de escola pública e ingressa na universidade através do Programa de Ações Afirmativas (PAAF), sinto-me lisonjeada em poder ter chegado até aqui, diante de todas as dificuldades que passei para concluir minha vida escolar. Chegar à Universidade não foi fácil, mas sempre busquei alcançar meus objetivos. Sou grata ao meu pai e a minha mãe pelos ensinamentos e por terem me instruído nessa caminhada, que mesmo sem terem concluído o ensino fundamental I, sempre me motivaram a estudar.

Agradeço a todos os meus professores que contribuíram para minha formação acadêmica e em especial aos professores: Prof. Dr. Moíses de Melo Santana, Profa. Dra. Clara Suassuna, Prof. Dr. Jorge Luís Riscado, Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira, Profa. Dra. Nanci Helena Rebouças Franco. Sou extremamente grata a vocês!

Quantas lembranças! Quão fácil e difícil é essa tarefa de agradecer... As lágrimas surgem, tomam a minha face... E várias questões surgem e o coração dessa negra, sertaneja e amante da vida.

O meu agradecimento especial a minha orientadora Prof. Dra. Nanci Helena Rebouças Franco, a ti sou e serei grata. Com você aprendi a ser ousada, sensível e crítica, sua energia me tomou desde quando te vi pela primeira vez.

Nata mulher negra brasileira

*Aquela que busca
Na luta diária
Cultuar sua negritude
Intensivamente em sua infinita sabedoria.*

Agradeço ao Prof. Dr. Antonio Roberto Seixas da Cruz (UFBA/UFES) e a Prof. Dra. Suzana Maria Barrios Luis (UFAL) por sua disposição e contribuições para o meu trabalho. Muito obrigada!

Agradeço aos meus amigos e amigas pelo apoio e compreensão pela minha ausência em muitos momentos. Agradeço também ao Programa AFROATITUDE/UFAL e as amigas construídas durante a minha estadia como bolsista na graduação.

Agradeço também a escola que abriu as portas para a realização da pesquisa e aos participantes, muito obrigada!

Agradeço aos colegas do PPGE. E em especial aos meus amigos e amigas que conquistei durante esse curso e que certamente levarei comigo onde quer que eu vá. A vocês: Adailton Cortez (EuroCDF), Ellen Ramalho, Simone Natividade (CDFMor) e Fabson Calixto não tenho palavras para agradecer todos os momentos compartilhados com vocês, os momentos de crises e os momentos de alegrias, gratidão por tudo! “Se a verdade existe/ Digo verdadeiramente/ Que o laço do amor/ Acertou o nosso viver/ E consagrou a nossa amizade!”

Por fim, meus sinceros agradecimentos a todos e todas!

Quando a questão do racismo no Brasil começar a sair dos livros, artigos, dissertações e teses de pesquisadores, quando deixar de ser problema do negro para se tornar preocupação de todas as forças e instituições do país, quando sairmos da fase do belo discurso e das boas intenções sem ações correspondentes poderemos dizer então que entramos na verdadeira fase de engajamento para transformar a sociedade; estaremos saindo do pesadelo para entrar num sonho, e do sonho para entrar numa verdadeira esperança. (KABENGELE MUNANGA,1996).

RESUMO

O presente estudo intitulado “A importância da Literatura Infanto-Juvenil no processo de construção de identidade étnico-racial dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Antônio Lins de Souza tem como objetivo geral analisar até que ponto os personagens negros da literatura infanto-juvenil auxiliam no processo de construção de identidade étnico-racial dos alunos, do 2º ano do Ensino fundamental I da Escola Antônio Lins de Souza Escola, no município de Rio Largo. Parte-se do pressuposto de que os personagens negros passam despercebidos na escola, mas, que um trabalho efetivo com a utilização da literatura infanto-juvenil pode reverter esse quadro, influenciando positivamente no processo de construção de identidade das crianças. Isso acontece apesar da existência da Lei 10.639/03, que altera a Lei nº 9.394 (1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Do ponto de vista teórico-metodológico parte-se da abordagem qualitativa, tendo a pesquisa-ação, um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, como método de procedimento; bem como a utilização das seguintes técnicas de coleta de dados, observação participante, entrevista semi-estruturada e desenho. O texto inicialmente apresenta uma discussão sobre as relações raciais na educação básica, posteriormente faz-se uma aproximação entre a literatura infanto-juvenil e as relações raciais, colocando o personagem negro como fundamental no processo de construção de identidade étnico-racial de crianças e finalmente analisa uma experiência no trato à questão racial a partir da utilização da literatura infanto-juvenil e de outras atividades elaboradas para trabalhar as relações raciais. Ao final, percebe-se que houve um avanço na discussão da questão racial, e conseqüentemente no processo de valorização e respeito aos personagens negros. Isso contribuiu para aumentar a auto-estima das crianças e fortalecer a sua identidade étnico-racial, influenciando nos seus processos de construção de conhecimento e na relação estabelecida com os outros atores que fazem parte da escola.

Palavras-chave: Auto-Estima. Educação. Identidade Étnico-Racial. Personagem Negro. Literatura Infanto-Juvenil.

ABSTRACT

This study entitled "The Importance of Children and Youth Literature in ethnic-racial identity construction process of the students of 2nd year of school Antônio Lins de Souza" has as main objective to analyze the extent to which black characters of children's literature assist in process of building ethno-racial identity of the students, the 2nd year of Primary school I School Antônio Lins de Souza in Rio Largo city. This is on the assumption that the black characters go unnoticed at school, but that an effective work with the use of children's literature can change this situation, positively influencing the construction of identity of child process. This is despite the existence of Law 10.639 / 03, amending Law 9394 (1996), which establishes the guidelines and bases of national education, to include in the official curriculum of the Education Network mandating the theme "History and Culture Afro- Brazilian ". From the point of theoretical and methodological view up part of the qualitative approach and action research, a type of social research with empirical basis that is designed and carried out in close association with an action or with the resolution of a collective problem, as a method procedure; and the use of the following data collection techniques, participant observation, semi-structured interview and drawing. The text initially presents a discussion on race relations in basic education, and then we make a rapprochement between children's literature and race relations, placing the black character as fundamental in the ethnic-racial identity construction process and finally children analyzes an experience in dealing with racial issues from the use of children's literature and other activities designed to work race relations. Finally, we noted that there was a breakthrough in the discussion of the racial issue, and consequently the process of appreciation and respect for black characters. This contributed to increase the self-esteem of children and strengthen their ethnic and racial identity, influencing in their knowledge construction processes and the relationship established with the other actors that are part of the school.

Keywords: Self-Esteem. Education. Ethnic and Racial Identity. Black character. Children and Youth Literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	18
2.1	Dos parâmetros curriculares nacionais à Lei 10.639/03	18
2.2	Um breve balanço da Lei 10.639/03	22
3	LITERATURA INFANTO-JUVENIL (LIJU) E RELAÇÕES RACIAIS	26
3.1	O caminho da literatura infanto-juvenil no Brasil	26
3.1.1	Literatura infanto-juvenil com personagens negros	29
3.2	Análise de livros de literatura infanto-juvenil com personagens negros	32
3.2.1	Tudo bem ser diferente	35
3.2.2	Menina Bonita do Laço de Fita	37
3.2.3	As Tranças de Bintou	39
3.2.4	Bruna e a Galinha d'Angola	42
3.2.5	Benedito	44
4	O LIVRO DE LIJU, PERSONAGEM NEGRO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL	48
4.1	O papel da escola no processo de construção da identidade étnico-racial	51
4.2	A construção da autoestima positiva no estudante negro	52
5	A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA	57
5.1	Caracterização da Escola Municipal Antônio Lins de Souza	58
5.2	Os alunos do 2º ano: sujeitos construindo sua história própria	60
5.3	Uma experiência positiva e construtiva na perspectiva da Lei 10.639/03	65
6	CONCLUSÃO	77
	REFERÊNCIAS	82
	APÊNDICES	86

1 INTRODUÇÃO

As informações contidas neste trabalho, bem como as questões discutidas no âmbito da literatura infanto-juvenil com personagens negros, fazem parte das minhas inquietações desde o final da graduação. A inclusão desta temática na minha linha de estudo – relações raciais na educação – veio à tona a partir do momento em que ingressei na Universidade Federal de Alagoas, no curso de Pedagogia, através do sistema de cotas Programa de Ações Afirmativas (PAAF). Então, o fato surge em 2005, quando participei de uma reunião convocatória para inscrição em uma seleção para o programa AFROATITUDE. O referido programa foi vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Programa Nacional de DSTs/Aids (PNDST) que financiou/disponibilizou 50 bolsas para alunos oriundos do sistema de cotas. Dentro deste programa havia vários projetos de pesquisa-extensão com a temática étnico-racial e parte destinada ao tema DSTs/Aids.

Ao ser selecionada, fui direcionada ao Projeto Alagoas Quilombola¹. Penso que este programa despertou questões que antes não me passavam pela memória, uma vez que me fez refletir sobre a história da minha família, o meu pertencimento racial e foi ali onde me dediquei a pesquisar mais sobre os meus ancestrais.

Eis que a entrada na Universidade foi algo “inesperado” para muitos, pois saí de uma escola pública, onde infelizmente há falta de professores (principalmente da área de exatas), e também de recursos materiais, além da infraestrutura precária. No fundo, eu sentia que era capaz de ser aprovada, pois buscava estudar da minha forma, com o pouco recurso didático que tinha em mãos, apenas duas enciclopédias (que incluía diversas disciplinas). Lembro-me como hoje! E para a minha felicidade e de minha família veio a tão esperada notícia: aprovada; destaco também que fui a primeira pessoa dentro da minha família a entrar numa Universidade Pública. A partir desta vitória, outros familiares me tomaram como exemplo e seguiram em busca do curso superior.

No livro Kulé-Kulé (SUASSUNA et al 2006), livro organizado por professores da UFAL em uma ação que está dentro do Programa de Ações Afirmativas (PAAF), é possível fazermos a leitura de um artigo escrito pela professora Clara Suassuna² intitulado de “Alagoas Quilombola”. Este foi um projeto desenvolvido em algumas comunidades quilombolas do Estado de Alagoas, a saber, Quilombo (Santa Luzia do Norte), Muquém (União dos

1 O Projeto Alagoas Quilombola foi um dos projetos dentro do Programa Afroatidade, uma atividade de pesquisa e extensão realizada em comunidades quilombolas em Alagoas, coordenado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), sob a orientação dos Professores: Dr. Moíses de Melo Santana e Dra. Clara Suassuna, contando com a participação dos primeiros alunos cotistas, selecionados através de entrevistas para compor o programa. Posteriormente o resultado desse trabalho foi publicado na Coleção Kulé-Kulé, da Edufal.

Palmares), entre outras. No artigo, a professora destaca a importância dos bolsistas - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) que participaram da pesquisa e faz um recorte para destacar pontos ditos numa entrevista com os estudantes que auxiliaram na pesquisa. Este foi um trabalho bastante significativo para minha formação e despertou o meu interesse em fazer parte das discussões, projetos, pesquisas no campo das relações raciais na educação.

A fase final da graduação se aproximava, e pretendia pesquisar a “Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil, mas não tive sucesso, uma vez que não consegui um orientador/a que se interessasse por essas questões. Para mim não foi fácil desistir, desse projeto, porém, como se aproximava o término do curso, mudei de tema e pesquisei “Os contos de fadas na formação leitora”. Este trabalho realizado na conclusão de curso foi o ponto inicial para adentrar no mundo da literatura infanto-juvenil, e a partir desse paradigma dos contos europeus foi possível refletir sobre a literatura infantil e juvenil com personagens negros. Após esse processo minha inquietação apenas aumentou e soube de uma professora nova, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), essa professora foi a Nanci Franco que adiante passou a ser minha orientadora e em uma oficina, durante a Semana de Pedagogia, a conheci e pus em prática meu projeto. Em 2010 cursei como aluna especial, a disciplina “Relações Raciais na Educação, ministrada pela professora Dr^a Nanci Franco, período em que amadureci a minha ideia de trabalhar com a Literatura infanto-juvenil (LIJU) com personagens negros.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar até que ponto os personagens negros da literatura infanto-juvenil auxiliam no processo de construção de identidade étnico-racial dos alunos, do 2º ano do Ensino fundamental I da Escola Municipal Antônio Lins de Souza no município de Rio Largo, no Estado de Alagoas. Parte-se do pressuposto de que os personagens negros passam despercebidos na escola, mas, que um trabalho efetivo com a utilização da literatura infanto-juvenil pode reverter esse quadro, influenciando positivamente no processo de construção de identidade das crianças. Isso acontece apesar da existência da Lei 10.639/03, que altera a Lei nº 9.394 (LDB/1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". O seu objetivo principal segundo as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é reconhecer a existência de uma lacuna historicamente construída, citando o debate sobre o negro no Brasil para o espaço escolar, analisando a história e cultura da população negra, procurando amenizar os danos e valorizando sua identidade e seus direitos.

Temos como objetivos específicos neste trabalho: a) analisar os documentos legais que tratam da questão racial na Educação; b) realizar uma breve análise em cinco livros da literatura infanto-juvenil com personagens negros; c) mostrar os limites e as possibilidades dos livros de LIJU produzidos a partir da Lei 10.639/03; d) analisar se o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola contempla a diversidade étnico-racial; e) Mostrar a importância do professor nas discussões sobre relações raciais na educação e na LIJU; f) Analisar uma ação pedagógica positiva no trato das relações raciais na educação. Para tanto, a pesquisa, tem como espaço de estudo uma turma de 2º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Antônio Lins de Souza em Rio Largo, Alagoas.

Ressalta-se a importância de tomar conhecimento do quanto relevante é a etapa de socialização do sujeito para a construção da sua identidade.

Segundo Jerus e apud CAVALLEIRO, 2003, p.15)

A beleza e importância da socialização primária reside não só no mecanismo do processo em si, mas mais do que isto, no fato de que sua compreensão permite ao investigador social aprender a formação da identidade do indivíduo. Ora, se atingirmos esta compreensão seremos capazes de recompor o processo de uma sociedade, num momento dado, aprendendo, em certa medida, o seu passado e sendo, nesta mesma medida, capazes de prever seu futuro. E assim, estaremos estudando o homem concreto, numa sociedade concreta.

A partir da citação da autora reflete-se sobre o quanto é importante o processo de socialização, na educação infantil. É notável que desde a mais tenra idade devêssemos incluir na matriz curricular, de fato, o que preceitua a Lei 10.639/03.

Acrescento ainda o que diz Cavalleiro (2003) sobre a identidade “é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo”. Nesse momento de construção, a criança começa a internalizar, de certo modo, conceitos preconceituosos, externando-os nos momentos de socialização na educação infantil.

Sem dúvida, os acontecimentos e as ações negativas, são frutos ainda do século XVII quando surgem as primeiras literaturas destinadas ao público infantil. Diante disso, ao invés de solucionar o problema, as pessoas que seriam mediadoras do conhecimento, por vezes, faziam o uso do silêncio, este que ainda hoje perdura a nossa sociedade. Nesse cenário de silenciamento é permitido o favorecimento das desigualdades, aludindo ao negro sinônimo de inferioridade.

No entanto, é no âmbito do silêncio corriqueiro, por parte dos responsáveis, desde os pais aos professores. Paulatinamente devemos buscar com voz ativa os nossos direitos e,

através das ações positivas, em meio às diversas situações contrárias que ocorrem na escola, como por exemplo, a desvalorização da cultura afro-brasileira, a divisão errônea de lugares na sala de aula, entre outros. Entretanto, é importante destacar a cultura afro-brasileira e africana na nossa formação social e humana. Agora, nós, negros, estamos conquistando espaços antes não frequentados, sendo assim, temos o dever enquanto educadores de propiciar um ambiente acolhedor que valorize e respeite os diversos saberes, e que o indivíduo possa relacionar-se com as diferenças étnicas, pois estas permearão sempre a relação social do sujeito tanto no espaço familiar e social quanto na escola.

Segundo Gomes (2003, p. 27), “a escola é um espaço físico onde encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e conteúdos. Encontramos olhares diferentes que se cruzam, se chocam”. Portanto, é notável que a escola seja um local que de alguma forma interfere na formação, construção da identidade negra do aprendiz.

Faz-se necessário adentrarmos ao mundo literário para valorizarmos a nossa cultura cada vez mais. A Literatura Infanto-juvenil assim como, a oralidade e o ato de contar histórias são temas e práticas bastante antigas, visto que a literatura antes, na metade do século XVII era destinada apenas aos adultos, e tinha a criança como uma miniatura da pessoa adulta. Nesse contexto, as pessoas que fazem uso dessa arte literária trazem uma comunicação, uma experiência que pode ter algo de muito valor e ser muito significativo para todos os que estão a ouvir as histórias contadas ou lidas da literatura infanto-juvenil (LIJU).

Por volta do século XVII, as narrativas e aventuras, como também os contos de fadas, começaram a ter destaque. Sendo assim, os personagens principais eram as princesas, os heróis e cavaleiros brancos. Nessa época, percebemos que a presença do negro era praticamente inexistente. As narrativas eram feitas através de rodas literárias gigantescas e compostas por gente grande e gente pequena. Naquela época não havia um direcionamento característico para as faixas etárias. Nesse caso, em relação à criança, tampouco havia uma preocupação pedagógica quanto aos conteúdos didático-pedagógicos.

Hoje, percebe-se que investigar os personagens negros dentro da literatura infanto-juvenil, e buscar as concepções dos alunos, nos traz uma grande significância no sentido de conscientização, reconhecimento, valorização e respeito com os nossos pares, assim obteremos um bom resultado no processo de desenvolvimento da criança. Além de tornar presente a existência da arte literária com personagem negro na sala de aula. E, essa forma de interferir pode ser um meio de contribuição para a investigação, e claro, para melhor compreensão da diversidade. Para isso, fizemos uso da *pesquisa bibliográfica* – é o primeiro passo de toda pesquisa científica, bibliografia é entendida aqui como um conjunto de

materiais escritos, gravados, mecânica ou eletronicamente, que contém informações já elaboradas e publicadas por outros autores.

O presente estudo partiu da necessidade que temos de discutirmos no ambiente escolar a presença e importância dos personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil (LIJU) saliento que de forma emergente, uma vez que o negro faz parte da construção histórica da nossa nação. Então, foi de suma importância abordar esse tema, já que vivemos num mundo diversificado, devemos levar essa discussão das relações étnico-raciais para o espaço da sala de aula desde a mais tenra idade, pois é nesta fase que as crianças começam a construir seus valores éticos, morais, entre outros. Por isso, apresentar os livros de literatura fará com que as crianças sintam-se presentes no processo de desenvolvimento histórico e social do Brasil, e eleve sua autoestima.

Assim sendo, a Literatura Infanto-Juvenil apresenta-se como um fio condutor na linguagem a ser conhecida e apreciada, pois, nela, reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de opinião. É através das simplórias obras infantis que a psicologia, junto à psicanálise dá-nos uma visão profunda dos conflitos que encontramos com relação aos personagens, aos sintomas emocionais, como o abandono, a perda, a competitividade, a autonomia, a solidariedade, a família, entre outros. Todos esses sentimentos são acordados na vida interna das crianças em formação. Além do componente escrito, há outro de extrema importância a ser trabalhado pelos docentes: são as imagens ilustradas que constroem todo um enredo sobre o mundo imaginado. A literatura surge como material de apoio para os educadores.

De acordo com o estudo de Freitas (2013, p. 15) podemos observar que mesmo passado 10 anos de implementação da Lei 10.639/03 é necessário caminharmos ainda mais, vejamos,

Passados dez anos desde o decreto da Lei 10.639/03, o que podemos perceber em diversas instâncias é que as práticas para sua implementação ainda são insuficientes ou bastante frágeis, pois não conseguem articular pelo menos três eixos relevantes em direção a uma educação anti-racista: a formação de professores, a elaboração de material didático-pedagógico e o mais preocupante que é o de não conseguir eliminar o racismo institucional. Além disso, a relação entre os entes federativos (municípios, estados, União e Distrito Federal) revela-se uma variável bastante complexa na aplicabilidade das políticas educacionais.

Essa pesquisa dá ênfase à literatura Infanto-juvenil, bem como às relações raciais, a partir do seguinte questionamento: até que ponto os personagens negros da literatura infanto-juvenil auxiliam no processo de construção de identidade étnico-racial dos alunos, do 2º ano do Ensino fundamental I da Escola Antônio Lins de Souza do município de Rio Largo?

O estudo foi realizado na Escola Municipal Antônio Lins de Souza, no município de Rio Largo, região metropolitana de Maceió, no Estado de Alagoas. A escolha do campo para pesquisa foi pelo fato da pesquisadora ser a professora da referida escola e lidar cotidianamente com as demandas que surgem desse espaço de saber, e também por um espaço de poder, e por querer sempre dar um retorno à escola pública, pelo fato de ter sido egressa dessa rede de ensino, porém, na cidade de Maceió.

A aceitação para a realização da pesquisa na referida escola foi positiva, tanto por parte da gestão da escola, quanto pela coordenação pedagógica e pela professora da sala de aula do 2º ano. Apesar de não termos obstáculos para a realização do trabalho, percebemos certo desconhecimento da gestão em relação à Lei 10.639/03. A aceitação tácita do trabalho causou certa surpresa, visto que há ainda resistência das escolas em trabalhar as questões sobre as relações étnico-raciais.

A metodologia utilizada na pesquisa foi de abordagem qualitativa, esta é a mais adequada na maioria das pesquisas na área da educação, devido a sua ligação com a possibilidade de interpretação dos dados encontrados na realidade, uma vez que o ambiente é analisado no seu habitat natural e o pesquisador é instrumento fundamental para coleta dos dados.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEM, 1979a, p. 520). Os estudos a partir desse ponto buscam trabalhar sob a ótica do empírico, uma vez que o seu desenvolvimento pode ser realizado no contexto da sala de aula, por exemplo, e a partir deste o fenômeno escolhido busca sua forma. Nesse sentido, o trabalho passa a ser descritivo para que possamos conhecer, de fato, o ambiente da pesquisa e seus sujeitos.

Segundo Borgdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa apresenta algumas características, que basicamente são cinco neste tipo de estudo, a saber:

- 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- 2) Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos e documentos.
- 3) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
- 4) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida é foco de atenção especial pelo pesquisador.
- 5) A análise de dados tende a seguir um processo indutivo.

O método que utilizamos aqui foi o da **pesquisa-ação (Estudo de caso)**. Esta é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1988).

Segundo Fonseca (2002, p. 35) o método em questão faz com que

O investigador abandone o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (FONSECA, 2002, p.35).

A coleta de dados foi realizada através da pesquisa bibliográfica e documental, observações das aulas, entrevista semi-estruturada, bem como atividades desenvolvidas com os alunos, como contação de histórias, reconto, desenho. Como sujeito da pesquisa teve uma turma do 2º ano do ensino fundamental I e a professora da turma (a fim de colher informações sobre sua formação). A docente foi escolhida para analisarmos o seu perfil a partir dos dados do seu processo de formação, e em que sua formação acadêmica influenciou ou influencia em sua prática pedagógica. A pesquisa bibliográfica,

[...] permite ao pesquisador o acesso a um amplo campo variado de estudos, muito maior que aquele que poderia investigar diretamente, pois, é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. (BREJO, 2007, p. 10).

Ainda de acordo com Brejo (2007) apesar de ser um pouco parecida com a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental possui aspectos diferentes, logo, “cabe considerar que, enquanto pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas, sobretudo por material impresso localizados nas bibliotecas, na pesquisa documental as fontes são muito mais diversificadas e dispersas”.

Como técnica de coleta de dados foi utilizada também a observação diária, esta foi sugerida pelos benefícios que a mesma proporciona “devido à participação real do pesquisador/a com a comunidade ou grupo, uma vez que ao mesmo tempo em que observa também interagi. Foram realizadas observações nas aulas de Língua Portuguesa e Artes, onde

eram observadas as reações das crianças ao ouvir as leituras e realizar as atividades de produção textual, pintura e desenho.

A opção pela entrevista semi-estruturada decorre do fato que tanto o pesquisador quanto o entrevistado interferem dinamicamente no conhecimento da realidade e esse encontro de duas subjetividades, representação de códigos socioculturais quase sempre diferenciados, é, ao mesmo tempo, rico, problemático e conflitivo (MYNAIO, 1993). Esse momento da pesquisa foi realizado para montar o perfil da turma.

O texto foi dividido em cinco capítulos. A primeira etapa consiste na introdução que trata de um texto introdutório onde busquei expor um pouco da minha trajetória acadêmica e apontar os aspectos que foram norteadores para a aproximação com o objeto de pesquisa. Além disso, procurei fazer alguns apontamentos necessários para situar o estudo, a partir da questão de pesquisa, dos objetivos geral e específico, bem como do percurso teórico-metodológico.

Já no segundo capítulo, vamos discutir a questão racial a partir dos documentos oficiais, no intuito de compreendermos as relações raciais na educação básica. Para tanto, o capítulo foi organizado da seguinte maneira: a) Dos Parâmetros Curriculares Nacionais à Lei 10.639/03; b) PCN's; c) Constituição Federal (1988); d) LDB (1996) e a Lei 10.639/03; e) A questão racial na educação básica e f) Os 10 anos da Lei 10.639/03: limites e possibilidades.

Em seguida, no terceiro capítulo, buscamos discutir a literatura infanto-juvenil (LIJU) e as relações raciais, a partir dos seguintes tópicos: o Caminho da literatura infanto-juvenil no Brasil, Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros e análise dos livros de literatura infanto-juvenil com personagens negros.

Enquanto que o quarto capítulo traz a importância do personagem negro no processo de construção de identidade étnico-racial: a) O processo de construção de identidade étnico-racial; b) O papel da escola no processo de construção de identidade étnico-racial; c) O livro de LIJU, o personagem negro e a construção da identidade étnico-racial.

Por fim, o quinto capítulo que traz os dados empíricos da pesquisa, a partir da caracterização da escola, do perfil da turma, bem como da análise de uma experiência positiva e construtiva na perspectiva da Lei 10.639/03.

2 AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O debate sobre as relações raciais no Brasil é tarefa árdua. Isso está explícito nos estudos de CAVALLEIRO (2004); JOVINO (2006); MUNANGA (2005); SOUZA (2005); LIMA (2008) e FRANCO (2008), que tratam sobre a temática, especialmente ao articular essas discussões com a educação básica. Essa dificuldade está explícita nos documentos legais que apontam a necessidade de dar visibilidade à história e cultura africana e indígena, a necessidade de formação de professores e de sua própria identidade, entre outras questões.

Para Munanga (1999, p.18),

A identidade é para os indivíduos a fonte de sentido e experiência... É necessário que a escola resgate a identidade dos afro-brasileiros. Negar qualquer etnia, além de esconder uma parte da história, leva os indivíduos à sua negação. (MUNANGA, 1999, p.18)

Considerando que a escola é um espaço de relações sociais e que nela são construídos valores que irão, fazer parte da vida pessoal e até profissional da criança e adolescente, podemos destacar: o respeito, a cooperação, a amizade, a paz, entre outros. Assim, o sujeito que está no espaço educacional terá possibilidades de adquirir uma base expressiva de forma positiva no seu processo de construção de identidade. Esse espaço é marcado por diferenças sociais, de gênero, raça/etnia, sexo entre outras diferenças. Nesse sentido para pensar nessas questões, especificamente no que se refere à Educação, podemos ver no artigo 27, inciso I, da Constituição Federal os conteúdos curriculares da Educação Básica, “a difusão de valores fundamentais no interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos de respeito ao bem comum e a ordem democrática”. Assim, devemos observar os parâmetros que norteiam o ensino para as relações raciais no Brasil, para conseguir êxito no que propomos.

2.1 Dos PCN's à Lei 10.639/03

Os PCN's foram criados no ano de 1997 e nos trazem a discussão da temática para que haja conhecimento, reconhecimento e valorização das diversas culturas que existem na sociedade, nesse caso, a nossa brasileira, buscando também, que os estudantes conheçam seu lugar e sejam cidadãos críticos capazes de superar os obstáculos que estão por vir, de forma, esclarecedora.

É importante destacar os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação (PCNs), uma vez que eles são destinados ao professor. Ao professor é sugerido o uso dos PCNs para

auxiliar na execução de suas atividades, incentivando as crianças a terem um conhecimento de mundo e que cresçam reconhecendo seu papel e se tornando sujeitos conscientes e críticos de sua função em nossa sociedade.

No cerne desta discussão, atentemos o olhar para os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, através do volume nove referente à Pluralidade Cultural. Notamos que essa é uma tentativa de enfatizar as diferenças, no sentido também de amenizar certos estereótipos, porém, o texto não apresenta justificativas mais prática ao ponto de esclarecer e/ou auxiliar o educador no processo educativo, apenas dá uma orientação pouco profunda, uma vez que deve existir uma relação coerente do educador responsável com as orientações postas nos PCN's. A interatividade dos sujeitos fluirá de forma leve a partir de determinado conhecimento prévio do docente, para que isso seja possível há a necessidade de mais formações que cooperem com a prática docente.

O mito da democracia racial, aquela ideia que não temos preconceito e que tudo não passa de uma mistura de cores e de que somos todos iguais. Será mesmo? A igualdade está ao nosso lado? A diferença não existe? Ora, uma vez que temos os parâmetros, dialogando com a pluralidade, percebemos o quanto somos diferentes.

Parte do discurso em torno do mito citado anteriormente surgiu a partir dos anos de 1930, com a concepção do mestiço como símbolo da identidade nacional, assim “ideias sobre a harmonia entre grupos raciais foram gestadas e difundidas” (SILVA, 2008, p. 172). Entretanto, tal discurso passou a ser proliferado devido aos estudos de Gilberto Freyre (1933) em sua obra intitulada “Casa Grande & Senzala”, e esse colabora para escamotear a desigualdade racial no Brasil e seus impactos que contradizem o sentido de igualdade.

No contexto brasileiro que situamos inúmeras situações que estão estreitamente ligadas ao “mito da democracia racial”, Silva e Rosemberg (2008, p.77) mostram que ele “pressupõe não apenas relações amistosas e cordiais, mas também igualdade de oportunidades”, além de atribuir apenas ao passado escravista as desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros no Brasil”, quando o que se observa, em diferente estudos, é que “diferenças do passado não são suficientes para explicar as desigualdades atuais”. Ora, essa construção da ideia do discurso posto a partir do tal mito, apenas vai reforçar que há prioridades para uns em relação a outros, como por exemplo, o branco e o negro, respectivamente.

Os PCNs referentes ao volume nove, intitulado Pluralidade Cultural, apresenta a necessidade de abordar esse tema; todavia, a grande questão é como ampliar o discurso da

pluralidade a partir da conscientização e valorização da cultura afrodescendente em nossa sociedade brasileira.

Ainda é preciso muito debate, esclarecimento, denúncia e pesquisa para atuarmos de forma que haja coerência nos discursos lançados no meio social. Desde 1988, discriminação é crime. Mas como comprovar isso, se não temos explícito em nossa sociedade o que é discriminação racial? Algumas vezes, o que pode parecer uma simples brincadeira é, sem dúvida, um crime. ”(CAVALLEIRO, 2001, p.58)

Essa fala da autora citada é bastante intrigante e nos faz refletir mais acerca das políticas de ações afirmativas e/ou inclusivas, pois sabemos que o preconceito ainda é latente em nossa sociedade, muitas vezes, ele só muda de nome e local, mesmo intrinsecamente ele está presente em nossa vida. Entretanto, compreender como se dá o processo das relações raciais no âmbito escolar, desde quando o sujeito aprendiz entra no universo da aprendizagem escolar, é fundamental, pois é lá (na escola) que o sujeito inicia sua socialização como cidadão, e enfatizamos que desde a mais tenra idade temos de propor esse ensinamento a partir da discussão étnico-racial. Assim, teremos como educar crianças a respeitarem seus pares, visando uma igualdade de direitos, independente da sua cor de pele, textura capilar, lábios, olhos. Desconstruir os estereótipos e reconstruir uma nova história, baseada no respeito, solidariedade e justiça. Para tanto, se faz necessário incluir nos currículos escolares e nos planejamentos de aula o estudo da cultura afro-brasileira e africana nos ambientes escolares, é preciso ampliar a discussão e a partir da desconstrução, fazer surgir à verdadeira história do nosso povo, sem estereótipos e a visão negativa, podendo assim, afirmar e reafirmar seus valores nesta sociedade.

Os PCNs têm como objetivo no Ensino Fundamental:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;

- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de interrelação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- Utilizar as diferentes linguagens - verbais, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Diante dos objetivos apontados pelos PCNs é possível notar que é preciso elaborarmos currículos pautados na pluralidade cultural, nas diferenças culturais, na criatividade, na comunicação, no corpo, no cenário, e demais pontos que no cotidiano também possam surgir. Nesse sentido, devemos destacar determinados significados para a produção de conhecimento que será construído e disseminado na sociedade.

A partir da discussão de diferenças culturais, cidadania, etnia entre outras, é possível organizar um planejamento que tornem os sujeitos conscientes de tal importância dos parâmetros incluindo a Diversidade. Esses, serão úteis para a elaboração de propostas pedagógicas inclusivas, que respeitem as diferenças culturais, bem como raciais, de gênero, entre outras. Assim, toda equipe pedagógica é responsável por pensar em como deve ser organizado o trabalho a ser realizado e desenvolvido na escola, portanto, as formações não somente deveriam ser direcionada ao professor, mas a toda equipe escolar, tanto os que estão

na parte pedagógica assim como os demais, por exemplo, das questões técnicas da escola.

Entretanto, os PCNs – Pluralidade Cultural apresenta somente os europeus e seu encontro com os índios. Percorrendo as culturas africanas como uma cultura de resistência, distanciando da existência ou da coexistência. Ao analisarmos podemos observar claramente isso, na estrutura dos parâmetros em suas unidades, vejamos: I – As Grandes Navegações aparecem por uma perspectiva; II – Dentro do mapeamento da diversidade; III – os negros aparecem apenas para caracterizar a formação da sociedade da colônia; IV – Trabalho e resistência destacando questões pertinentes a escravidão. Com isso, é possível afirmar que o livro específico traz a questão afrobrasileira e africana ligada aos fatos históricos que tratam como uma cultura de resistência, esquecendo que as culturas dos afrodescendentes são parte da nossa história e deve ser contada de forma coerente evitando alguns conceitos errôneos. Cabe aqui também, que os profissionais da educação busquem de forma didática e pedagógica buscando outras fontes para a inclusão real das culturas étnicas em sala de aula.

2.2 Um breve balanço da Lei 10.639/03

Sabemos o quanto o movimento negro organizado buscou um espaço para a população negra, tendo em vista que, passados mais de 300 anos de regime de escravidão, a teia de estereótipos, preconceitos e discriminação pairava (e, diga-se de passagem, ainda pairam) na sociedade brasileira. Diante de toda a luta, diversos momentos históricos foram vivenciados na busca por reconhecimento, valorização e aceitação do povo negro, este que passou por inúmeros dilemas para conquistar políticas de ações afirmativas para alcançar uma igualdade racial.

Na busca pelos direitos da população afrodescendentes, surge a Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas de Educação Básica brasileiras, e a Lei 11.645/08, que junto a esta temática, incluiu também a questão indígena, um exemplo de legislação educacional surgida nos últimos anos e voltada a este propósito. Ambas modificam a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96 – e se inserem em um movimento mais amplo, vivenciado pela sociedade brasileira atual, em prol da ampliação de direitos sociais e conquistas de cidadania. (SANTOS, 2013, p. 57-58).

Ao instante que a Lei se faz necessária e sendo obrigatória, notoriamente é preciso chegar até os espaços escolares, no sentido de buscar a mudança na prática escolar,

principalmente dos docentes. Entretanto, perante o momento histórico em que vivemos é preciso saber o que, de fato, tem nas Leis (CF/1998, LDB/61, LDB/71, LDB/96) que regem o nosso país e, a partir desse prévio conhecimento partir para a luta do reconhecimento, da valorização e de nossos direitos enquanto cidadãos.

Para tanto, busca-se construir as políticas inclusivas, que assegurem o bem estar social da nossa população, nesse caso, a afro-brasileira, sendo assim, as ações dentro das políticas públicas serão destinadas ao povo, bem como as ações de políticas afirmativas. Junto a essas políticas podemos encontrar a Lei 10.639/03 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

No embate da discussão da temática, importante salientar a alteração na LDB em seu artigo “26-A – Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Africana e Afro-brasileira”. Vale ressaltar ainda que haja, em nosso Estado a Lei Estadual nº 6.814/07 que inclui a temática africana no currículo escolar, sendo essa local, acreditamos que se torna mais acessível às escolas. Também há a Lei Nacional 11.645/08 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, assim estamos fazendo jus a inclusão destas culturas, uma vez que elas fazem parte da história do nosso Brasil.

Diante disso, a implantação das Leis citadas anteriormente pode até esta sujeita a condições físicas, materiais, para que seja concretizada, pois se trata de um trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas e movimentos sociais, tendo em vista que as mudanças étnicas, culturais, pedagógicas e políticas no campo das questões raciais, não se restringem apenas à escola, ao ato de ensinar.

O próprio título das diretrizes curriculares que acompanham a Lei 10.639/03, denominadas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas, nos informa o quanto está em jogo aqui: não apenas a divulgação de estudos produzidos no âmbito acadêmico acerca da história da África e da população afro-descendente, mas uma perspectiva formadora, de “educação das relações étnico-raciais”, pautada pela reconstrução de valores, o que implica um intenso processo de axiologização dos saberes mobilizados. (SANTOS, 2013, p. 60).

Notamos aqui que, as diretrizes curriculares, nos trazem muito mais do que a sua implementação, ao seu lado traz uma consciência de que é preciso mudar o imaginário da nossa sociedade, buscando a valorização do povo afrodescendente e, além de tudo isso, é

importante enfatizar a formação social qual o sujeito estará recebendo no âmbito educacional, pois, estamos falando de “Educação para as relações étnico-raciais”.

Entretanto, já alcançamos uma década em relação às diretrizes, faz-se necessário uma avaliação dessa medida de reparação, que é a Lei. E várias são as interrogações ainda na atualidade, passados dez anos, algo mudou? Será que as Diretrizes Curriculares obtiveram seus objetivos? Até que ponto o preconceito diminuiu ou aumentou a partir de 2003? Os educadores conhecem de fato esta Lei? Será que a Lei e suas Diretrizes chegaram ao ambiente escolar? O que está sendo feito para manter no Ensino Superior, os alunos originários da escola pública, pelo recorte de “Cotas”?

As inquietações são inúmeras em relação à Lei, realmente não é uma tarefa fácil, o caminhar é árduo, cansativo, pois não se trata de apenas uma década, e sim, de mais de 300 anos de luta, de busca por ideais de igualdade, são dias e noites de alegria e sofrimento por um reconhecimento, valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Bem, ao que podemos inferir, nesses dez anos da implementação da Lei 10.639/03 e de suas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, é notório um avanço significativo, houve algumas iniciativas mesmo que ainda pequenas em relação a implantação da Lei, como por exemplo, atividades direcionadas em sala de aula, professores mais informados e conscientes das Diretrizes. Além disso, através das políticas de ações afirmativas tivemos um ganho em relação às questões pertinentes ao campo da diversidade étnica.

Diante do exposto, é possível destacar que tivemos avanços, hoje temos um diálogo maior entre os Documentos Legais e a escola, bem como as instituições de Ensino Superior e ainda é necessário a elaboração de Políticas públicas que amplie o universo da discussão, e mantenha a revisão periódica dos currículos e materiais pedagógicos em todos os níveis de ensino. É importante também, que as crianças de todas as origens tenham direito ao:

Conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas. Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure, nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos? (RIBEIRO 2002, p. 150).

Nesse sentido, a educação tem um papel importante na socialização do sujeito aprendiz, assim sendo, se faz necessário construirmos um ambiente rico em aceitação, valorização e concretização de uma nação, de fato, democrática, onde o cidadão possa ter seu livre arbítrio e ser respeitado em suas diferenças, e que esse reconhecimento se faça livre de

intolerâncias de racismo, discriminação, entre outros. Somos parte de uma diversidade e exigimos os nossos direitos. Contudo, mesmo tendo alcançado inúmeros materiais didáticos no que tange o tema da Lei, ainda encontramos uma incoerência entre teoria e prática, porém, há uma movimentação maior e alguns profissionais percorrem o íntimo das diretrizes para dar sua contribuição nesse processo de inclusão das culturas étnicas.

3 LITERATURA INFANTO-JUVENIL (LIJU) E RELAÇÕES RACIAIS

Pensar em literatura é voltar ao tempo e viajar de encontro ao desconhecido, e ao mesmo tempo buscar fontes de como o personagem negro é visto na literatura infanto-juvenil, e até mesmo como essa personagem é aceito na sociedade pelos seus leitores. Entretanto, para chegarmos ao almejado foco temos que perpassar os pontos históricos pertinentes à Literatura em geral. Para tanto, é necessário que tenhamos um mínimo de conhecimento sobre a literatura infanto-juvenil, e também do ato de contar histórias, hábito muito antigo, no qual as pessoas que fazem uso dessa arte trazem uma comunicação, uma experiência que pode ter algo significativo para todos os que estarão a escutar as histórias.

Neste capítulo vamos entrar no âmbito da literatura e trazer alguns teóricos tais como Jovino (2006), Cavalleiro (2000), Souza (2005), que tratam desta importante arte, fazendo-nos refletir ainda mais sobre como se dão as relações raciais na educação a partir dos personagens negros que estão em sala de aula, dentro dos livros de literatura infanto-juvenil. Além disso, daremos destaque à sua importância no processo de ensino-aprendizagem, e também, neste capítulo analisamos algumas obras, dentre elas, “A menina bonita do laço de fita, As tranças de Bintou, Tudo bem ser diferente, Benedito, Bruna e a galinha d’angola. Dessa forma damos ênfase às obras literárias que valorizam as tradições africanas e afro-brasileiras, e assim, constroem uma visão positiva do negro na nossa sociedade.

Segundo Jovino (2006) é comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas. Nisto podemos observar a grande intimidade que há entre a Literatura e a oralidade.

3.1 O caminho da literatura infanto-juvenil no Brasil

A história da literatura infanto-juvenil, no Brasil é algo ainda recente. As primeiras obras publicadas que tinham como alvo o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade de século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as fábulas de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1964, por exemplo. (BIASIOLI, 1997, p. 97)

Por volta do século XIX, surge especificamente a importância da literatura, quando a instituição escolar inicia sua organização e o livro didático busca outra forma de ensino, cujo enfoque se deu na leitura da literatura infanto-juvenil. Foi a partir desse momento que os

livros destinados as crianças tomaram conta dos espaços escolares e não-escolares, e ocorreu o aumento da literatura.

É relevante destacar que em decorrência dos novos recursos tecnológicos, numa sociedade que desenvolve por meio da industrialização, a literatura desde o princípio, assume a condição de mercadoria. Assim, notamos que, no Brasil, a literatura para criança começou tardiamente e enfrentou várias dificuldades para se concretizar como a ausência de tradução e adaptação, já que as obras em sua maioria vieram do continente europeu. Então, “com a implantação da Imprensa Régia, foi em 1808, começam a ser publicados livros para crianças. Com a ideia de que o hábito de ler era importante para a formação do cidadão, começam a sistematizarem-se os primeiros esforços para a consolidação dessa literatura indicada ao público infanto-juvenil” (BIASIOLI, 1997, p. 98).

O texto literário deixa transparecer a construção e a afirmação de valores culturais, morais, éticos e até estéticos (constatamos isto nos contos tradicionais). Com isso podemos sentir o quanto há traços de uma cultura que traz historicamente os valores de uma cultura branca, eurocêntrica, cristã e ocidental surgindo desde então uma representação imagética e sentimentos estereotipados. Nesse campo, um autor que muito contribuiu foi Monteiro Lobato.

Os livros para crianças foram profunda e sinceramente nacionalistas, a ponto de elaborarem uma história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, seu principal protagonista. Da mesma maneira, eles se lançaram ao recolhimento do folclore e das tradições orais do povo, com interesse similar as das escolas de samba, ao pesquisar os enredos para os desfiles. Porém, visando contar com o aval público adulto, a literatura infantil foi preferencialmente educativa e bem comportada, podendo transitar com facilidade na sala de aula ou, fora dela, substituí-la. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1998, p. 54).

Entretanto, ao fazer uma analogia com o tempo atual, podemos ver que há uma maior procura por essa literatura, uma vez que a mesma é utilizada para trabalhar questões cotidianas, e de forma mais lúdica, para a formação social da criança, conscientizando para um cidadão e cidadã do futuro, e desenvolvendo também seu pensamento crítico.

Oliveira (2007, p. 78) aponta que [...] “a literatura infanto-juvenil dá a sua contribuição para que os alunos tenham uma postura discriminatória, à medida que os personagens negros nas obras disponíveis nas bibliotecas, em grande maioria, são caracterizados de maneira estereotipada”. Em contrapartida, os personagens brancos são os heróis e simbolizam o ideal de beleza europeu.

Diante disso, podemos citar alguns aspectos dessa tradição branca, de que tudo que é feio trata-se do mal. Um bom exemplo disto são as bruxas e os lobos nas histórias tradicionais, dando indícios de um conflito entre o belo e o feio, bem como o conflito da população urbana e rural. Nessa construção da representação permeada de estereótipos², o negro é normalmente visto como aquele ator “coadjuvante na ação, e por consequência, na vida”; a partir dela pode-se ressaltar ou não, relações de poder, padrões de beleza que convencionam imagens estereotipadas em mensagens morais. (ABRAMOVICH, 1997, p. 36 apud ARBOLEYA, 2008)³.

O negro na Literatura, desde que surgiu nos livros, foi inferiorizado, assim o sujeito citado era visto sempre numa situação inferior ao branco. De acordo com os estudos de Negrão (1988), começa-se a desenvolver uma preocupação com o negro nos livros didático e paradidático no Brasil, em 1950. Em se tratando da personagem feminina negra, esta teve sua primeira aparição na Literatura Brasileira, nos versos de Gregório de Matos, no século XVII.

Segundo Souza (2005), a personagem feminina era repleta de contradições, ora com qualidades positivas, como “bons sentimentos”, ora aparece com imperfeições e como irresponsável, de acordo com os versos de Matos.

Um fato que nos chama atenção é que tudo que é ruim é direcionado ao homem negro. Um exemplo disto, pode-se ver, na citação de Oliveira (2000): “o diabo ou demônio personifica o mal e seus epítetos foram projetados nas populações que possuem a cor negra, tornando-se um estigma”. Nesse ponto, percebemos o quanto a figura do negro é vista negativamente, e é associada sempre ao lado ruim das coisas, além de ser comparado com o diabo, já que o dito negro é ruim, associado ao mal (podemos notar que provavelmente, há aqui um equívoco de pensamento, uma vez que o negro é dotado de bondade tanto quanto o branco).

Infelizmente, é essa posição do negro que ainda encontramos nos bancos escolares, porém, a Literatura Infanto-Juvenil, hoje existente, nos traz uma boa perspectiva, a de que estamos cada vez mais alcançando o nosso lugar na sociedade. A negritude tem uma história, assim como faz parte da história do povo brasileiro, então, façamos essa história visível aos olhos do mundo.

² Estereótipos: “Quando se tem preconceito em relação a um determinado grupo de pessoas, costuma-se construir uma imagem negativa sobre esse grupo”. Essa imagem negativa é o estereótipo. Ele funciona quase como um carimbo, que anula as características que a pessoa realmente tem.

³ CF: O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros (ARBOLEYA, 2008).

Castilho (2004), em seu artigo, ressalta que a literatura infanto-juvenil, em termos gerais, ajuda as crianças, além de outras coisas, a construir sua identidade própria.

Num processo de transferência, os pequenos se colocam no lugar dos heróis e vivenciam as sensações dos personagens. Sentimento de inferioridade e auto-rejeição são as consequências mais comuns na auto-estima da criança que não se reconhece nas histórias escritas nos livros. Todos querem e precisam sentir-se aceitos pelo seu grupo e pela sociedade.

Percorrendo alguns estudos de Souza (2005; 2001) e Oliveira (2000), constatamos que a Literatura Infanto-Juvenil, surgiu de fato no Brasil no final do século XIX e início do século XX, enquanto que os personagens negros, só aparecem no final da década de 1920. Nesta época as histórias apresentavam os (as) negros (as) em condições subalternas e, ainda nessa época não tinham domínio da escrita, faziam uso da tradição da história oral, repetindo o que era passado para eles (as).

Podemos perceber essa situação na obra de Monteiro Lobato, apesar de ser um dos pioneiros na Literatura Infantil, pois traz em sua obra, uma visão extremamente preconceituosa em relação ao negro (a). Exemplo, disto, é a personagem Tia Nastácia, que se apresenta, na cozinha, com avental, fazendo os “mandados” de uma família branca reforçando a condição de inferioridade. E ainda, cita Tia Nastácia “como uma negra de estimação”, como se a personagem fosse um animal.

Em meados da década de 70, começa a surgir uma Literatura comprometida com a diversidade racial, a fim de diluir os estereótipos existentes. A partir desse momento vários autores (as) como, Bloch (1983), Santos (1986), Pestana (1987), Demarquet (1988), Guimarães (1991), entre outros, surgem para dar contribuição na Literatura Infanto-Juvenil dando voz e lugar ao negro.

3.1.1 Literatura infanto-juvenil com personagens negros

No Brasil, temos uma diversidade cultural enorme, seja na dança, na crença religiosa, no ritmo musical, no sotaque, na comida, no povo, enfim. Tudo isso é resultante da formação histórica da nossa nação, trazida pelos índios, europeus e africanos para construção da formação social dos cidadãos brasileiros.

Cabe a nós, diante dessa situação histórica, adentrar em meio às discussões para a diversidade cultural, visto que, é a partir desse posicionamento que podemos alcançar um

menor índice de disparidade de igualdade no meio social. É fato que o preconceito racial no Brasil “envolve atitudes e comportamentos negativos e, em algumas situações, atitudes supostamente positivas contra negros, apoiadas em conceitos e opiniões não fundamentadas no conhecimento, e sim na sua ausência” (CAVALLEIRO, 2003). Esse preconceito, infelizmente, vai existir, mas temos de buscar informações suficientes para evitar situações desagradáveis. Vejamos o que Ferreira (2000, p. 98) aponta em relação às diferenças,

A existência de diferenças culturais foi e continua sendo a característica mais marcante de toda a história da humanidade. O importante, entretanto, não é discutir simplesmente os traços dessa diversidade, mas procurarmos estudar, em cada circunstância, como as diferenças foram e são utilizadas como justificativas para a manutenção de situações de desigualdade social.

Faz-se *mister* direcionar um olhar cuidadoso aos nossos livros, sejam didáticos ou literários, pois através desses podemos mudar muitas vidas. O personagem negro tem um papel importantíssimo no espaço educacional, pois lá encontramos muitas crianças e adolescentes que tendem a renegar sua história, seu povo, sua cultura. Esse fato, por vezes, dá-se devido à falta de conhecimento da sua própria história, uma vez que esta é apresentada de forma negativa.

Diante das diferenças, é notável o quanto ainda temos que crescer e superar certos estigmas em relação ao negro, e no âmbito da literatura, sabe-se que essa é uma ponte positiva entre os leitores, sejam pequeninos ou adolescentes em formação. E nesse processo,

A pluralidade faz surgir um país feito a muitas mãos, aonde todos juntos, vindos de tradições diversas [...] conseguem criar uma comunidade plena da consciência da importância da participação de cada um na construção do bem comum. (MUNANGA, 2005, p. 83).

A partir, dessa consciência, as realidades existentes, ainda com pensamentos das décadas passadas, como em 1920, podem ser amenizadas e ganham destaques nos livros de literatura, no Brasil.

De acordo com Munanga (2005), “juntar os fragmentos da memória constitui o processo de identidade de uma pessoa”. Podemos inferir que a criança e/ou jovem afro-brasileiro, ao ver, narrativas com personagens negros de forma positiva, possivelmente irá se identificar, nos textos literários. Assim, os sujeitos em formação, passam a sentir orgulho de sua origem racial e da sua história e de seu povo.

Portanto, ao se tratar do contexto educacional, diante das mudanças ocorridas nas últimas décadas, principalmente a partir de 2003, com a implantação da Lei 10.639/03, é

preciso que a escola esteja amparada, preparada e aberta para acolher a pluralidade étnica e racial que há nos espaços escolares, para combater o racismo que infelizmente ainda está latente em nossa cultura brasileira. Para tanto, vejamos o que diz o parecer 003/20014, do Conselho Nacional da Educação, que destaca a importância de dar “condições para professores e alunos [...] agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas [...] valorizando os contrastes das diferenças”. (BRASIL, 2004, p. 20). Em virtude dessa afirmação, podemos dizer que as Leis representam um avanço, na conquista de um espaço de convivência entre as diferenças, assim, as produções literárias são fontes positivas para desconstruir ações preconceituosas.

De acordo com GOMES (2010, p. 07) o desafio é esse contexto das resistências, da democracia racial, de reconhecimento do racismo e do que o racismo significa na escola e na vida de pessoas negras e brancas que circulam pela escola pública brasileira. “(...) ainda precisamos de políticas públicas efetivas que garantam a implementação da Lei”:

Temos hoje o desafio de enraizar a lei nas práticas pedagógicas e na gestão, tanto no sistema de ensino, nas secretarias estaduais e municipais, quanto nas escolas. A gente tem conseguido alcançar mais professores e professoras do que aqueles que estão nos órgãos de decisão e de poder. Muitas vezes você tem práticas com professores mobilizados dentro de uma determinada instituição escolar, mas as decisões que tomam para implementação das leis e diretrizes são vetadas, inviabilizadas, ou não recebem apoio e, quando você vai ver, tem uma implicação da gestão da escola, da coordenação pedagógica ou da gestão do sistema [...] (GOMES, 2010, p. 07).

Para que haja uma mudança de atitude referente a esse problema os educadores precisam enxergar o ambiente escolar como um espaço de representação e aprendizagem multicultural que visa, principalmente, desenvolver e construir relações sociais positivas para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária em termos de direitos e cidadania.

Enfim, trabalhar as questões ligadas à Lei 10.639/03 num país ainda racista é tarefa difícil, por isso, é preciso mais engajamento de todos em busca de nossos direitos enquanto cidadãos afro-brasileiros. Nesse sentido, a literatura se apresenta positivamente, quebrando estereótipos, e reconstruindo uma história bela, de luta, determinação, enfim, os negros estão em toda parte, desde a sala de aula aos tribunais, e é esse status que temos de por em destaque. E através de diversas narrativas com personagens negros, como A menina bonita do laço de fita, As tranças de Bintou, Bruna e a galinha d’Angola, entre outras que as nossas crianças se reconhecem e identificam, e isso vai refletir no seu processo de formação de identidade. Por isso, é de fundamental importância, que desde a mais tenra idade sejam

incluídos nos currículos escolares os temas relacionados as questões étnicas e raciais, estas irão dar sua contribuição na aceitação, valorização e identidade dos sujeitos aprendizes.

3.2 Uma análise dos livros de literatura infanto-juvenil com personagens

A literatura infanto-juvenil vai mais além do que meros “livrinhos” com histórias, contos, versos. É buscar referências para apreciarmos o que há de mais belo no imaginário humano, a capacidade de por no papel aquilo que por muitos anos foi contado oralmente e, hoje, podemos ter em mãos algo concreto. Aqui daremos ênfase ao processo do negro na literatura, esse que desde o início da humanidade passou por fatos extremamente preconceituosos. Nesse sentido, pretendemos dissolver os estereótipos direcionados a população negra.

A relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me identificar que, nesta faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem [...] Os educadores...talvez por não saberem lidar com o problema, preferiram o silêncio....De qualquer modo, minha experiência mostrou que o silêncio do professor facilita novas ocorrências, reforçando inadvertidamente a legitimidade de procedimentos preconceituosos e discriminatórios no espaço escolar e, com base neste, para outros âmbitos sociais”. (CAVALLEIRO, 2000, p. 68).

De acordo com a citação, ao nos referirmos à diversidade, é importante trazer a questão da identidade e diferença, pois são conceitos que se complementam. É a partir do contato com o outro que a identidade vai sendo construída. Vejamos o que diz Gomes (1995, p. 43) a respeito de identidade:

Identidade pessoal é aquilo que diferencia cada um de nós e só nos iguala a nós mesmos, mesmo que seja entendida num processo de transformação, é da ordem da representação e está localizada na consciência. A identidade social se relaciona aos referenciais coletivos de inserção a um grupo, os usos sociais das formas de reconhecimento, os processos culturais de construção de representações.

Nesta passagem de Cavalleiro (2000) notamos que o “silêncio” é um facilitador de ocorrências para o preconceito, uma vez que essa fase é primordial no processo de construção social do sujeito, assim como do seu pertencimento racial.

Os livros para crianças surgiram em meados do século XVII, com a concepção de que a criança era um ser diferente do adulto (ROUSSEAU, 1973); e foi de braços dados com a

Pedagogia, que a literatura infantil tornou-se de fato um instrumento útil na educação. Importante destacar que livro didático é diferente de literatura infantil, uma vez que o primeiro destina-se ao uso didático em sala de aula com a intenção de instruir, ensinar os conteúdos escolares, enquanto que o livro de literatura infantil, não tem essa função, ele abrange o conhecimento além do conhecimento escolar, trazendo assuntos imbricados à subjetividade do sujeito, como por exemplo, a paixão, a morte, o autoconhecimento, a amizade, a alegria, o desconhecido, os afetos, as perdas, a injustiça, o amor, entre outros assuntos que possam surgir.

Segundo Zilberman (2003, p. 102) é possível afirmar que:

Da representação da criança no livro infantil decorrerá o tratamento artístico de sua busca de identidade e lugar social. Se o resultado ficcional pode apresentar caminhos comprometidos com o leitor, na medida em que lhe propiciam o reconhecimento e a solução para seus dilemas internos, o contrário também pode ocorrer.

Por isso, alguns aspectos sociais e políticos tornam-se imperceptíveis, devido a forma poética que a literatura traz seus assuntos. Para melhor entendimento da literatura infantil vamos destacar algumas características cuja origem histórica está na adaptação, são elas, citadas por (AMORIM 2014, p. 340):

1 Do assunto: linguagem clara, objetiva, texto coerente com as necessidades infantis e principalmente que incorpora um conteúdo comportamental e doutrinário à aceitação de valores socialmente impostos; **2 Da forma:** visando prender a atenção do leitor, os personagens têm sequências de encadeamentos lineares e marcantes, sem delongas e finalidades morais; **3 Do estilo:** frases curtas e com vocabulário que não excede a compreensão do leitor; **4 Do meio:** presença de ilustrações e formato colorido, agradável e prático.

Logo, vimos que a literatura infantil tem uma forma ímpar de ser escrita, lida e apreendida pelo seu público em geral. Ao associarmos essa literatura aos livros que trazem o índio e o negro, principalmente, esses personagens surgem no final do século XX, ainda de forma folclorizada, de forma que se distância da realidade social. Nesse contexto, os personagens negros, aparecem de forma inferiorizada, humilhante e em condições subalternas, é possível observar esse fato, na obra de Lobato (1956, p. 166), que descreve a empregada Tia Anastácia, ‘preta com alma de branco’, uma vez que “todos sabem que ela é preta só por fora”.

Diante de discursos como o citado acima, é preciso tomar consciência e compreender como se dá o processo literário com personagens negros, e buscarmos analisar a forma como esses personagens são vistos, bem como seus matizes, seus costumes e crenças religiosas.

Vale ressaltar que a definição de identidade está baseada aqui, de acordo com os estudos na área das ciências sociais, ainda assim, a identidade negra e/ou afrodescendente, segundo Cunha (1998), “têm um caráter duplo, por vezes dependem de como os indivíduos se auto-identificam, por vezes de como os outros, externos ao grupo, os identificam”.

Articulando diversidade cultural às diferenças, identidades e literatura, notamos o quão é importante fazermos uso da literatura infanto-juvenil com personagens negros, visto que, fazemos parte de uma cultura repleta de diferenças, ao mesmo tempo que devemos respeitar e valorizar o espaço do outro. Entretanto, nos escritos literários encontramos diversas histórias, e nelas podemos enxergar aquilo que o “mito da democracia racial” tenta esconder, a identidade negra que está em cada um que se reconhece como tal.

No que diz respeito à literatura infanto-juvenil com personagens negros, podemos encontrar diversos títulos envolventes, construtivos para o desenvolvimento cognitivo das crianças, para que esse envolvimento tenha êxito é importante lembrar o quão envolvente tem de ser essa leitura. Entre tantos livros, os que aqui serão expostos foram selecionados, a partir da afinidade com os livros e proximidade, assim, escolhemos alguns que foram trabalhados em sala de aula, buscando ajudar no processo de construção da identidade étnico-racial dos sujeitos e na auto-afirmação dos sujeitos, uma vez que é preciso conhecer as diversas culturas evitando o pré-conceito.

3.2.1 Tudo bem ser diferente

Nesse momento vamos conferir uma obra que toma destaque por nos apresentar de forma criativa e lúdica algumas diferenças. Nesse sentido, é possível que nosso público leitor se identifique com a leitura, e ainda possa desconstruir alguns preconceitos em relação ao ser, diferente, pois o livro destacado é bastante colorido e contém imagens próximas do imaginário infantil.

O livro que iremos adentrar agora, intitulado “Tudo bem ser diferente”, escrito por Todd Parr é bastante colorido e, por isso, já chama atenção do leitor mirim, além de trazer inúmeras ilustrações, Assim, com cores e desenhos, a leitura torna-se bem mais atrativa, do que um livro com poucas ilustrações; nesse sentido, pensamos que este livro a princípio já tem pontos positivos para ser utilizado em nossa sala de aula.

Nas primeiras páginas, podemos observar que o autor coloca em questão a altura do sujeito: “Tudo bem ser pequeno, médio, grande ou grandão”. Mais adiante, aponta que é normal usar óculos, e que podemos conversar sobre nossos sentimentos, destaco aqui a importância de resgatar nossos valores através dos sentimentos e que isso não nos faz menor ou maior, apenas, parte de uma sociedade diversa. No livro, o autor destaca imagens divertidas e coerentes com o texto em si.

E mais: “Tudo bem comer almôndegas na banheira” como assim? Almôndegas? Pois bem, é normal eu querer comer onde eu sinta a vontade, mas temos que ter certo cuidado, e não radicalizar, pois as regras de cada lar vão conduzir as atitudes do sujeito, porém, é livre para expressar suas vontades. Sim, “tudo bem dizer não as coisas ruins”, “tudo bem vir de lugares diferentes”. Notamos que há uma mensagem mesmo que intrinsecamente, por trás dessas imagens e frases, a importância de também negar aquilo que não nos faz bem, de ter o direito de escolher o que queremos, além disso, viver num lugar diferente do nosso é possível, e temos de respeitar todas as pessoas que aqui estão e são de países, estados, municípios, entre outros, diferentes. Faz-se *mister* trazer aqui uma citação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, uma versão adaptada para crianças, dos autores Ruth Rocha e Otávio Roth, uma leitura simples e de fácil interpretação dos nossos direitos enquanto cidadãos. Vejamos,

Vinham de países ricos e pobres, de lugares quentes ou frios. Vinham de reinados e de repúblicas. Falavam muitas línguas. Acreditavam em diferentes deuses. Alguns dos países que elas representavam tinham acabado de sair de uma guerra terrível, que tinha deixado muitas cidades destruídas, um número enorme de mortos, muita gente sem lar e sem família. (ROCHA; ROTH, 2010)

Observamos que, de forma breve, os autores mostram que independentemente de onde viemos, de quais línguas falamos, é necessário respeitarmos para vivermos em constante harmonia e paz.

Continuando a leitura, vamos encontrar também, que o autor destaca que “tudo bem chegar em último lugar”, “tudo bem dançar sozinho”, não importa a colocação o importante é participar, da mesma forma fazer o que gostamos, seja sozinho ou acompanhado não importa, sentir-se bem é fundamental.

Adiante destaco outras imagens que o livro nos apresenta: “Tudo bem ter mães/pais diferentes”, “tudo bem ser adotado”. Aqui podemos notar a questão dos casais homossexuais que tem filhos, e que não podemos negar o direito da construção de família dos sujeitos, e também, a adoção, há famílias de todo jeito. Por que não ter um amigo invisível? Isso mesmo, usar a imaginação, é de fato, algo que mexe com as nossas estruturas cognitivas, e devemos

preservar essa arte de imaginar. E fazer algo para alguém, é extremamente gratificante, não apenas em datas específicas. Perder algo significa refletir o quanto o objeto perdido foi útil e me faz falta e que preciso e devo cuidar melhor desse objeto. Assim, posso ficar bravo, mas logo a ansiedade é saciada e tudo pode voltar ao normal, e por vezes até melhor.

Vivemos numa sociedade diversa onde encontramos pessoas de diversas culturas, formas de se vestir, falar, etc. Aqui devemos respeitar a todos (as) independente de suas escolhas. E esse texto nos leva a repensar coisas simples que não damos valor no dia-a-dia e por vezes olhamos com um pré-conceito. “Tudo bem ter amigos de tipos diferentes”, “tudo bem precisar de alguma ajuda”, “tudo bem ter uma cor diferente”(aqui nesta fala do autor do livro, entendemos que cor está relacionado a cada indivíduo ter uma cor, no sentido de ser branco, negro, etc), “tudo bem não ter cabelos”, tudo bem ter rodas”. Cabe aqui uma reflexão acerca de diversos temas oriundos a partir das diferenças existentes em nossa sociedade, por exemplo, tudo bem termos amigos de diversas nacionalidades, etnias, e mais amigos também que convivem em situações delicadas de saúde e isso não quer dizer que esses amigos não possam se divertir e fazer amizades. Ao nos depararmos com tais situações, vamos lembrar sempre que as diferenças assim como as dificuldades estão para que possamos superá-las e vivê-las.

Destaco aqui uma passagem, ainda do livro adaptado por Ruth Rocha e Otávio Roth “Não importa qual seja a raça de cada um; tampouco importa que seja homem ou mulher; não importa ainda sua língua, religião, opinião política ou a família de que ele venha”, importante aqui é ser diferente e aceitar as diferenças do outro de forma positiva.

Diante de tantas literaturas, essa, mesmo de pouco texto, carrega em si diversas mensagens que fazem o sujeito leitor refletir, desde a mais tenra idade, em aspectos de suma importância na nossa sociedade, desde os traços fenóticos aos valores presentes em nossa vida e os nossos direitos como cidadãos.

Enfim, ao lermos a história que esse livro nos traz é possível tecer alguns comentários. O livro traz uma linguagem clara, objetiva, apresenta bastantes imagens coloridas que aguçam o imaginário infantil, e isso prende a atenção do leitor infantil. Os personagens que surgem em cada página trazem uma finalidade moral para o seu público, utilizando de frases curtas e vocabulário acessível ao leitor mirim.

3.2.2 Menina Bonita do Laço de Fita

Em meio a diversos títulos de literatura infanto-juvenil com personagens negros, notamos o quanto este se destaca, sim: “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado traz uma história que encanta as crianças e a todos os leitores. Ao iniciar a viagem pelo mundo da leitura, observamos uma forma leve, doce e encantadora através da escrita poética da autora, possivelmente esse deve ser um dos motivos que o livro chama a atenção do leitor. Assim, a história perpassa caminhos inimagináveis, até chegar ao ponto principal.

Logo, notamos o rico conteúdo no que diz respeito às características fenotípicas da criança negra, destaco que a autora a faz com delicadeza e presteza, “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.”. Nessa passagem da narrativa é importante destacar que a autora dá ênfase as qualidades da menina de maneira que o leitor terá uma visão bela e tenderá a valorizar suas qualidades. Garafini e Santos (2013, p. 47) nos mostram que:

Com esta descrição notamos que a autora qualifica a beleza da menina com adjetivos carinhosos (linda), com superlativos (bem brilhantes) e diminutivos (enroladinhos) e repetição (linda) para mostrar a delicadeza e a beleza. Além disso, compara a beleza da menina com coisas distintas: azeitonas, fiapos da noite, pelo da pantera negra, as quais se definem como de cor preta e que nem por isso são insignificantes, assim como a menina que é negra e tem seu valor.

As imagens do livro nos apresentam a menina, linda, negra, alegre, espontânea. E de forma suave e envolvente Ana Maria Machado, a compara com as princesas das terras da África e as fadas do reino do luar, nesse sentido acreditamos que essa seja uma forma de elevar nossa cultura, a partir do belo, e assim, desmistificar alguns estereótipos diante da cultura afro-brasileira e africana. Importante destacar, também, que a menina se achava linda e sua mãe a enfeitava com laços de fita para realçar mais a sua beleza de menina negra.

Adiante, o livro destaca que, ao lado da casa da menina morava um coelho branco de orelhas rosadas, e esse coelho achava a menina a mais linda de todas que ele já conheceu. Daí surge o encantamento do coelho branco pela menina linda e negra. A partir desse contato o coelho queria ser igual à menina. E pensava: “- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...” Em seguida o branco coelho tomou a iniciativa de descobrir qual o segredo da menina ser tão preta: “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo

para ser tão pretinha?” é possível observar que durante a história a personagem principal, é estimada e reconhecida pela formosura e também pela pigmentação escura de sua pele e essas características perpassam todo o texto narrativo.

Realmente, essa narrativa é encantadora, a autora foi muito feliz em nos presentear com essa leitura, a cada página encontramos uma surpresa e isso nos deixa radiante, já que o texto apresenta a valorização do nosso povo afrodescendente, em específico, a mulher negra. Uma vez que acreditamos que esta seja um exemplo de reconhecimento para as pessoas brancas, e mais aponta para um resgate histórico, ou seja, traz à tona o resgate da identidade negra de nossas crianças afrodescendentes, pois ao terem contato com essa leitura, podem se identificar com a “Menina Bonita do Laço de Fita”, desmistificando estereótipos.

A vontade do coelho branco é tamanha que ele pergunta a menina várias vezes o que fazer para ficar daquela cor e com a pureza da infância fica surpresa e sem saber, vai inventando alguns gracejos para o coelho, tais como: “Deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina”, “eu tomei muito café quando era pequenina”, “eu comi muita jabuticaba quando era pequenina”. Daí a cada dito da menina o coelho saía correndo a fazer, e ao final nada de ficar preto, ele fez todas as indicações da menina, mas o que conseguiu foi ficar preto por alguns instantes com tinta, passar a noite fazendo xixi e se empanturrar de frutinhas de jabuticaba, e por fim, nada funcionou, o coelho continuava branco como a neve.

Bem, o coelho branco insistente retornou mais uma vez à casa da menina linda, e mais uma vez perguntou: “Menina Bonita do Laço de Fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?” Isso mesmo, ele queria muito ser preto igual à menina. E de repente, quando a menina já ia inventar outra história, sua mãe a interrompe e disse o grande segredo para ser pretinha: “Artes de uma avó preta que ela tinha...”, ou seja, a descendência negra da sua avó.

A partir da intervenção da mãe da menina, o coelho que não era tão bobo, percebeu que o que a mãe da menina estava falando era verdade, “porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar”.

Finalmente, o coelho branco entendeu que ele não tinha como ficar preto, pois sua família era branca, e o que restava agora era casar com uma coelha preta. Então, o coelho branquinho saiu em busca de uma coelha e logo, encontrou uma coelhinha escura como a noite, e assim, o coelho pode ter uma coelhinha pretinha como a menina que o encantou com sua cor. Já sabemos que a coelhinha se tornou afilhada da menina bonita do laço de fita, bem como sua madrinha a coelhinha preta encantava por onde passava e quando ela saía toda charmosa com laço de fita no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava: “- Coelha

bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? E ela respondia: - Conselhos da mãe da minha madrinha”.

Essa leitura traz um vocabulário acessível, imagens coloridas que chama atenção da criança. Uma linguagem de fácil entendimento e a fala dos personagens tem uma sonoridade poética (a depender da forma de quem vai ler). E o seu conteúdo em si retrata questões da identidade negra, e devemos dar ênfase a esse momento de aprendizado, não apenas pensar nos aspectos físicos que também são ditos, mas ir além, e buscar as referências de cada um. Uma atividade interessante de ser realizada após esta leitura é a árvore genealógica.

Acreditamos que essa literatura seja um grande ensinamento de vida e respeito para nossa sociedade. Uma narrativa que nos envolve do início ao fim e que trabalha várias questões, como a identidade, auto-estima, respeito, entre outras. Assim, a aceitação das diferenças e o reconhecimento são de fundamental importância no processo de desenvolvimento infantil, uma vez que a criança começa a se familiarizar com sua cultura e dar destaque à sua identidade.

3.2.3 As Tranças de Bintou

Bintou é uma leitura clara e típica de uma comunidade africana. Suas ilustrações são bem específicas da cultura afro, fato importante de ser destacado, um momento de exaltarmos a cultura afro-brasileira e africana no espaço escolar principalmente. Trazendo questões relacionadas à beleza também, já que o texto foca nas tranças que a menina Bintou tanto sonhava.

O livro as “Tranças de Bintou” foi escrito por Sylviane A. Diouf, ilustrado por Shane W. Evans. Uma leitura rica em aspectos culturais. Uma história fascinante. Bintou é uma menina que sonha em ter tranças, “Meu nome é Bintou, e meu sonho é ter tranças”, a narrativa inicia com a protagonista se apresentando e falando do seu sonho, no livro podemos conferir e observar o reflexo da imagem da menina, num lago com aparência triste, porque não tem tranças, tem apenas quatro “birotos” na cabeça.

Por vezes, Bintou sonha em fazer de seus birotos ninhos de passarinhos, mas na maioria das vezes, ela afirma que gostaria de ter lindas e longas tranças, para enfeitar com pedrinhas e conchinhas. Sua irmã mais velha, Fatou, usava tranças e, com isso, Bintou ficava querendo cada vez mais usar tranças e ainda acrescentava: “Eu queria ser bonita como você.”. Para Bintou, as tranças significam muito, mesmo que ainda não consiga identificar os motivos

pelos quais ainda não pode ter tranças, aproveitamos esse momento e fazemos uma reflexão acerca do cabelo e corpo, para isso, vejamos:

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. (LARAIA apud GOMES, p. 174).

Constatamos que o cabelo tem sua importância no processo de construção de identidade étnico-racial do indivíduo negro, e tampouco podemos deixar de dar destaque a ele. Pois é de extrema importância trabalhar essas questões relativas ao cabelo crespo, uma vez que estamos também trabalhando a autoestima do sujeito, e pensando no processo de construção de identidade negra. É enfatizar que quem tem cabelo crespo, encaracolado pode sim, ter um cabelo brilhoso, sedoso, macio e leve.

É chegada a hora do batizado do seu irmão mais novo e muita gente se reúne para esse momento numa grande festa realizada pela família de Bintou, inclusive sua avó, a mais velha, logo, a mais sábia. Durante o ritual do batismo notamos características específicas da cultura da família de Bintou, como por exemplo: o batizado do irmão da menina, o ritual acerca da escolha do nome, a valorização dos mais velhos, a gastronomia presente nas comemorações, as vestes usadas, dentre outros detalhes. Após a celebração do batismo todos vão se servir de vários pratos específicos, arroz, peixe, carneiro, um pouco de tudo, além disso, se divertiram muito. Entretanto, Bintou observa as mulheres ao seu redor, praticamente todas com tranças.

Eis que Bintou encontra Mariama, uma garota que estuda na cidade com uma amiga, a amiga usa tranças lindas e longas, mais uma vez vem o desejo de Bintou, e suspeita que a menina não seja do seu lugar, pelo sotaque, e ela se apresenta: “Eu me chamo Teresa, e sou brasileira”. Bintou não resiste e perguntar se as meninas brasileiras usam tranças, Teresa responde: “Muitas usam e põem prendedores coloridos em cada uma” e a menina cheia de sonho diz: “As brasileiras devem ser lindas”.

Diante da beleza das tranças da menina Teresa, Bintou continua triste e resolve ir para o mar, onde ela pensa ser um lugar tranquilo, junto ao canto dos pássaros, barulho das ondas. E, de repente, ela ouve um barulho, são gritos de duas crianças que acabaram de ter seu barco virado no mar e a menina logo corre para buscar socorro. Importante também expressar que a decisão da menina de ir à busca de um adulto para salvar as outras crianças, nesse caso, ela pensou nos pescadores e, rapidamente, encontrou ajuda para as crianças.

Logo que chega à Vila onde mora, Bintou é agraciada pela coragem de ter ido pelo caminho mais rápido, mesmo que arriscando, pois o caminho era cheio de espinhos. Devido à sua coragem de salvar os meninos, Bintou receberá um presente, e antes de falar o que deseja, sua irmã Fatou diz: “Ela sonha com tranças”. Logo sua mãe diz: “Você terá suas tranças”. Enquanto as tranças não chegam, a menina dorme e sonha com suas tranças lindas e longas. Bintou diz: “Sonho que uso tranças e que o sol me segue. [...] Passarinhos azuis e amarelos se aninham em seu cabelo. O cabelo dela é tão bonito que todos se juntam debaixo da árvore e sorriem.”.

Bem, sua avó no dia seguinte a convida para sentar no chão, e passa um óleo perfumado e diz: “Você é uma menina especial.” E Bintou está feliz por sua tia vir fazer suas tranças tão sonhadas, mas a avó diz: “Quieta” e logo sente os dedos rápidos de sua avó pelo seu cabelo, como se tivesse fazendo birotos. Ao final, vovó pede para ela olhar no espelho, embora Bintou não queira sua avó insiste e ao olhar no espelho surge uma menina linda com um lindo cabelo. Sim, a imagem mostra os birotos de uma nova Bintou estavam lindos como os pássaros do seu sonho.

Eis que Bintou compreendeu o motivo de não usar tranças quando criança, sua avó (muito sábia) contou a história de uma menina muito vaidosa. Vejamos (DIOUF, 2010).

Há muito tempo, existiu uma menina chamada Coumba que só pensava no quanto era bonita... Todos a invejavam e ela foi se tornando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só birotos, porque assim elas ficariam mais interessadas em fazer amigos, brincar e aprender.

Importante apresentarmos explicações as indagações das crianças, tendo em vista que é nessa fase da infância que seus valores começam a tomar forma, e no amanhã, poderemos ter uma melhor compreensão das coisas, lugares, enfim. Esse momento de escuta dessa história traz ricos traços da beleza negra e da cultura do povo que vive na comunidade de Bintou, texto agradável de trabalhar para quebrar estereótipos acerca do cabelo crespo, e do uso de acessórios de cabelo.

Portanto, esperamos que, assim como Bintou, nossas crianças se identifiquem e se olhem no espelho com o atual olhar dessa garota esperta: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O Sol me segue e estou muito feliz”.

3.2.4 Bruna e a Galinha d'Angola

O livro a ser analisado e/ou comentado é a narrativa da escritora Gercilga de Almeida, com ilustração de Valéria Saraiva. Esse livro traz a história da menina Bruna, que é descendente de africanos, uma criança que se sentia muito sozinha, mas tinha algo que muito encantava a garota: as histórias africanas contadas por sua avó. Eis que um dia ela ouve a lenda de Òsún, uma história parecida com a sua, em relação à tristeza e, para não mais ficar só, a personagem da lenda resolve criar a galinha d'Angola - Conquém! Foi assim que surgiu Conquém, ou melhor, a galinha d'Angola deste panô!

Depois da inspiração vinda da lenda, a garota dorme e sonha com uma galinha preta com bolinhas brancas iguaizinhas a da lenda, então Bruna pede ao seu tio argila e, decide modelar na argila, uma galinha d'Angola, para que essa seja sua nova companhia. Vejamos a forma criativa da garota ter uma companhia, independente do sentimento que por vezes rodeia nosso cotidiano, é importante estarmos atentos as questões simples, mas que podem mudar o rumo de toda história. A vontade de não estar só era tamanha que sua avó resolveu presentear a neta no aniversário com uma galinha d'Angola de verdade, e claro com o nome de Conquém. E sua avó completa: “Agora você não precisa mais perguntar: Com quem eu vou brincar? Você acaba de ganhar uma Conquém de verdade”. De repente, as outras crianças que moravam na aldeia e não brincavam com a menina, se aproximaram dela e, ficaram encantadas com Conquém, a partir daí, Bruna começou a ter muitas amigas.

Notamos nessa passagem de não ter amigos para muitas amigas, nos leva a uma reflexão, a de que é interessante termos algo que chame atenção que envolva o outro para alcançarmos algumas posições. Além do presente, a avó de Bruna começou a ensinar as meninas a fazerem pinturas em tecido, sim, iguais aos que sua avó fazia no Continente africano. E, o conhecimento de mais turmas veio à tona, e a aldeia tornou-se conhecida. Um dia, a galinha teve vários filhotes e cada menina da aldeia pode ter sua Conquém d'Angola.

Interessante frisar aqui a música que Bruna cantava:

“Com quem eu vou brincar?
Me sinto tão sozinha.
Não fique triste menina.
Siga a Conquém, que novas amigas você fará!”

Esse modo musicado de contar histórias atrai a atenção do leitor no contexto da história, e a interação fica mais lúdica e as crianças têm maior facilidade em compreender.

Certa vez Conquém, cisca o chão e encontra alguns objetos, botão, carretel, anel, e por fim, continua a ciscar o chão e se depara com algo de metal. Então, as crianças resolvem ajudar a galinha, e descobrem um baú, igualzinho ao de sua avó. E levaram o baú para a casa da vovó, e a mesma fica feliz: “Meu Deus! Vocês acharam o meu baú, que os carregadores haviam perdido quando me mudei para esta aldeia”.

Vários aspectos são envolvidos nessa história, como por exemplo, a arte, através do artesanato com pinturas, a história oral, traços da religiosidade, são alguns assuntos a serem considerados na tradição africana, e de extrema importância para trabalharmos com as crianças, na escola, uma vez que a cultura faz parte do processo de construção de identidade cultural. Adiante, ao abrir o baú, encontram um pano, e nele além da imagem de Conquém, havia também um pombo e um lagarto, que segundo a lenda africana, ajudou a Conquém na criação do mundo e do seu povo, esta era a história que sua avó ouvia desde pequena. E a partir daí, começou a pintar os panôs. Após esta descoberta a avó passou a ensinar as meninas a pintar tecidos e, isso fez com que a aldeia ficasse conhecida.

Algumas tradições são importantes manter, pois estas fazem diferença, e muda a realidade, nesse caso, Bruna e seu povo ganharam destaque, e mais, o povo começou a pintar suas casas com as cores destacadas nos panôs da galinha d’Angola. A alegria tomava conta da avó e de todos em volta, digo, das crianças que queriam ter uma Conquém, também. Diante de todo contentamento, a Conquém some, e as meninas saíram à sua procura, depois de muito procurar, encontraram escondida no mato, num ninho, com um lindo ovo, que ela protegia e chocava. E pouco depois, já sabe, todas as meninas da aldeia tiveram uma galinha d’Angola. Entretanto, cada vez que era vendido um panô (pintado pelas meninas), a história de Bruna e a galinha d’Angola daquela aldeia era repassada.

Por fim, destaco aqui a importância de buscarmos conhecer as diversas culturas e levá-las para a sala de aula, sala de leitura, seja qual for o espaço, no âmbito escolar, pois a partir desse conhecimento podemos mudar várias realidades que estão escondidas em estigmas, devido ao modelo europeu que impera na sociedade atual. Levar essa leitura é fácil, basta buscar conhecer, pois assim, compreenderemos melhor as questões identitárias.

A “identidade” remete a se pensar sempre num caminho inacabado e renovável. Caminho esse que se constrói mediante um trabalho de elaboração de um passado mais ou menos comum e de uma memória coletiva que se diz compartilhado pelo grupo (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 125).

Importante dar ênfase, também, ao papel da mulher, no imaginário social e, no caso da narrativa analisada, *Bruna e a Galinha d'Angola*, que destaca o gênero feminino, e sua criatividade em pintar diversos panôs. Em geral, o livro *Bruna e a Galinha d'Angola* apresenta uma leitura simples e de fácil compreensão para seu leitor, além disso, podemos encontrar os valores da cultura africana, como por exemplo, o culto à tradição, a oralidade por meio das histórias memorizadas e relatadas oralmente, entre os seus descendentes e, também, a importância que é partilhada em pertencer a um determinado grupo, nesse caso, a aldeia africana, assim viver em comunidade e não na solidão. Não podemos negar que muito da cultura africana está aqui, no Brasil, e isso mostra o quanto os povos de origens africanas contribuíram na formação cultural do povo brasileiro.

3.2.5 Benedito

O livro *Benedito* foi escrito pelo professor, escritor e poeta Hugo Monteiro Ferreira e ilustrado por Douglas Barzon. *Benedito* tem uma deficiência e é um menino negro e filho de pais separados. Esse livro nos traz diversos fatores que são pertinentes à diversidade.

A história de *Benedito* é retratada em 12 partes. Na primeira parte, o autor apresenta *Benedito* e seu pai, percebemos que seu pai é uma pessoa instruída, portador de curso superior, como citado pela criança, “O meu pai trabalha que só. Ele é jornalista.”. Mesmo com tantas tarefas, o pai de *Benedito* o enche de carinho e atenção: “O meu pai é além da conta.” E, ainda assim, diante do cansaço, faz questão de ler para ele: “Mesmo com a cara bem cansada, conta história pra eu poder dormir. ’ Mas, alguma coisa falta nele, sim, “sinto falta da minha mãe.” Então, aqui podemos perceber que a postura de seu pai é fundamental para desenvolvimento do *Benedito*, porém, algo está faltando, nesse caso a presença da mãe (figura extremamente importante também na formação humana e social da criança).

Em seguida, o autor explora a relação do “pai e da mãe” de *Benedito*, destacam que na vida conjugal há algumas “brigas”, estas presenciadas pelo menino, e quando o pai nota, o abraça e diz: “Chore não, vá pra cama... gente grande é feito bicho, briga e depois desbriga”. Aqui notamos a tristeza do *Benedito* em presenciar uma discussão dos seus pais, e mais ainda em vê-los distantes. Pois bem, é chegada a hora de conhecer “a mãe da mãe de *Benedito*” é assim que ele mesmo diz, pois sua vó (que até então pensara ele ser) falou as seguintes palavras: “Filho daquele homem não é meu neto”, “Mãe, minha vó tava com raiva?” Sua mãe ainda tenta amenizar a situação, mas o preconceito posto pela vó é bem maior. Infelizmente há muitos casos assim, na nossa realidade brasileira. *Benedito* é exemplo de garoto “real” nos

traz uma história que nos faz refletir até que ponto, nós seres humanos somos preconceituosos e não respeitamos o outro em suas diferenças, e nessa história, dentro do ambiente familiar.

Eis que surge o amigo Tuca. Este é um garoto questionador, faz inúmeras perguntas ao amigo Benedito. São amigos desde a quarta série (hoje 5º ano). “Tuca é diferente de mim” diz Benedito, pois ele anda igual aos outros meninos, enquanto que ele (Benedito) não anda só. E novamente seu pai diz: “Cada um anda de um jeito, Benedito”. A presença do pai é extremamente importante para o menino, uma vez que ele o protege em todos os momentos, e sempre dá uma resposta ao filho, defendendo-o e dando justificativas para que o garoto sintasse bem. O tempo passa e Benedito faz aniversário, agora “com 12 anos é quase um adolescente” diz o pai. A tristeza invade o menino, pois nem ao menos uma ligação, sua mãe fez para desejar-lhe parabéns!

“A minha vó de verdade: a que gosta de mim assim do jeito que sou – “Minha vó sempre que pode, manda livros pra mim”. A avó paterna do Benedito é professora aposentada, além, de cozinhar guloseimas deliciosas, segundo Benedito. Ela também trabalha como voluntária em um grupo de auxílio a portadores do vírus HIV. Gosta muito de conversar com o neto, porém, tem suas tarefas e nem sempre pode estar presente no cotidiano do menino. Percebemos que o diálogo entre os dois é bastante produtivo. E o Benedito é um garoto muito bem informado nas questões sociais. Mesmo com todo o carinho do pai e da avó paterna, Benedito não esquece a sua mãe. Pensa tanto nela que chegou a sonhar que ela o pedia perdão. Sim, mas foi apenas um sonho, no final das contas, “a minha mãe era um sonho”.

Diante de tantas coisas que Benedito passou, de repente, um menino insulta-o chamando de “aleijado” e na mesma hora, Benedito retruca atirando uma pedra na cabeça do menino. Por isso, o pai o deixou de castigo. E seu amigo Tuca pensa e diz: “Sem palavras”. Daí, Benedito, discute com o amigo Tuca. A atitude (violenta) do Benedito é reflexo do que ele passou em sua infância, a “rejeição” de sua própria mãe, não é fácil para ele absorver tudo isso, uma vez que ele tem o direito de ser respeitado em suas diferenças. Ao passar dos dias o diálogo continua entre o menino e o seu pai, ali notamos um sinal de mudança no comportamento do Benedito, ele passa até a ser preconceituoso ao insultar a menina Marcele (amiga) de magrela. E, mais uma vez, seu pai conversa para que o garoto seja superior e não dê atenção a quem não merece. O pai termina: “Se defender é importante, mas sem violência, entendeu?”. Após dias, Tuca o presenteia com um boné e um cartão, onde estava escrito: “Você não é aleijado, é meu amigo, meu irmão. Do Tuca com palavras”.

Já aos 17 anos chega a vontade de namorar... “é uma vontade daquelas! De repente, Benedito chega em casa e recebe uma festa surpresa lá estavam seus colegas do colégio. Foi

uma festa bastante animada. Durante a madrugada, o telefone toca. Benedito atende, desligaram. De novo. Quando ele atende, ouve uma voz “Sou eu, meu filho, sua mãe”. Em seguida ele desliga e não mais atende, chega a dizer ao pai que foi um trote. Deixe o tempo passar... Do jeito dele, do jeito que a vida o ensinou[...]

Diante de tantas situações vividas por BENEDITO, observamos que o autor foi feliz em retratar esta história de forma intensa e breve. Sim, uma história onde encontramos diversas diferenças, o retrato de muitas crianças brasileiras. Aqui temos um pai que está presente em todos os momentos da vida dele, e que o aceita e respeita “do seu jeito”. Um amigo que o apoia e uma avó atenciosa, ambos lhe dão o que há de mais valioso para um indivíduo, o carinho, a atenção, o respeito, o valor, e o respeito! Importante destacar que o Benedito, é um garoto negro, e que passa por diferentes situações, as quais muitas crianças e adolescentes se encontram em nossa sociedade. Esta história nos faz refletir a partir de óticas diversas, ao mesmo tempo em que é em muitos lares uma prática comum, infelizmente.

Diante disso, a importância de cada vez mais estarmos aptos a trabalhar com a diversidade e de enaltecer, ou melhor, apresentar a nossa cultura afrodescendente nos espaços escolares, uma vez que estes são muitas vezes o único meio em que a criança se sente acolhida positivamente. Enfim, é a partir de literatura como esta que vamos notar a presença e o respeito ao negro no ambiente escolar, principalmente, onde a criança passa parte do seu dia. Segundo Cavalleiro (2003), “os indivíduos negros vão relembrando suas experiências e os prejuízos com o racismo na sociedade brasileira. Os episódios cotidianos mostram-se permeados de situações conflituosas que marcam profundamente cada um”.

Considerando o que foi dito no decorrer deste capítulo, e o quanto é importante destacar que a literatura infanto-juvenil com personagem negro tem um importante papel no processo de construção da identidade étnico-racial do indivíduo, seja ele, criança, adolescente ou até mesmo adulto, e essa construção vai embasar a auto-afirmação desses sujeitos, visibilizando a valorização e reconhecimento de ambos no espaço educacional e, sobretudo, social.

Assim, uma pessoa mesmo sem se auto-afirmar negra, pode ser considerada por outra pessoa como tal, consideramos as identidades como

[...] múltiplas e variadas. Podem ser consideradas positivas e negativas, relacionadas com a auto-imagem que os indivíduos fazem de si e dos outros... Têm um caráter duplo, por vezes dependem de como os indivíduos se auto-identificam, por vezes de como os outros, externos ao grupo, os identificam (CUNHA, 1998, p. 23).

Entretanto, a concepção de identidades, seja na singularidade ou na coletividade, traz um significado positivo para nós, uma vez que a partir do reconhecimento e aceitação a construção de cada um vai sendo construída.

Concordo com Gomes (2002) ao afirmar que “Pensar a relação entre Educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, uma pedagogia da diversidade. Além de nos aproximarmos do universo simbólico e material que é a cultura, somos desafiados a encarar as questões políticas”. De fato, o que mais encontramos nos espaços escolares, infelizmente, são a exclusão do negro e sua participação no processo histórico do Brasil, ou o silenciamento nas questões que dizem respeito à cultura afro-brasileira e africana.

4 O LIVRO DE LIJU E O PERSONAGEM NEGRO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

Ao pensarmos no personagem negro, logo nos reportamos a algumas literaturas, as quais trazem o sujeito negro de forma estereotipada. Tendo em vista que estamos numa sociedade que ainda carrega inúmeros traços de preconceitos. Entretanto, é necessário que busquemos corrigir esses “pré-conceitos”, para alcançarmos um patamar de positividade em relação à população afro-descendente. A história do povo negro faz parte do processo de construção de identidade da nação brasileira, logo, é importante lembrar-se do quanto o Brasil é marcado por traços da cultura afro, e o quanto esta aprimorou a ciência, as artes, a literatura, a culinária, entre outros segmentos.

O negro era colocado em condições subalternas desde que fora escravizado, e nesse espaço de exploração, também foi tentado privá-lo de seus costumes, seus hábitos e sua forma de viver de acordo com sua cultura; podemos notar isso entre os séculos XIX e XX. Assim, pensemos no estudante de hoje, que infelizmente ainda passa por situações desgastantes, como destaca Silva (1998) em relação à criança negra na escola dando conta de que neste ambiente esta criança não é vista como descendente de africanos, e sim como descendente de escravos. Esse tipo de acontecimento na maioria das vezes se dá por conta da cultura que é destacada no ambiente escolar, nesse caso a europeia.

As diferenças étnicas sempre existiram, a partir do entendimento de que etnia seja um conjunto de práticas culturais, crenças religiosas, diversas línguas e formas de representação de mundo de um determinado grupo (SANTOS, 2005, p.1). Nesse sentido podemos afirmar que uma identidade étnica tem relação direta com a cultura de um povo. Portanto, o processo de construção de identidade surge a partir da identificação de um determinado grupo, com seus ancestrais e seu modo de viver, que se torna singular e próprio do grupo, e em meio às singularidades, não podemos afirmar que há unicamente um tipo de cultura, pois cada lugar tem sua particularidade, e esta deve ser respeitada.

Stuart Hall (1997) diz que a identidade unificada, completa segura e coerente é uma fantasia, pois ela está diretamente envolvida com o processo de representação que se localiza no tempo e espaço simbólicos. Enquanto Nóvoa (1992) diz que a identidade étnica não deve ser entendida como processo constituído, naturalizado, trata-se de percebê-la como um processo identitário.

Entretanto, a identidade étnica vai se reconfigurando ao longo do seu processo de construção e de aceitação no seu interior. Uma vez que não podemos pensá-la como algo

estável, ela vai sendo construída e reconstruída com a necessidade do espaço e lugar que ocupamos ao longo do processo histórico de um determinado povo. Através de suas características culturais (língua, costume, religião, tradição, enfim.). Tudo isso está ligado às suas práticas culturais na relação com o grupo.

Segundo Scott (1990), ao longo do tempo a sociedade caracteriza, classifica e decide sobre o espaço dos grupos étnicos, o que ocorre por disputas e conflitos. Por isso, as “limitações” e “capacidades”, de cada etnia, são, usualmente, o resultado da posição, do lugar que a sociedade atribui. Assim, o étnico tem a ver com a forma como se estabelece o poder.

Enfim, o processo de identidade está em constante construção de acordo com cada grupo e a partir de suas crenças, costumes e, mais além, dos processos de poderes postos pelos espaços de cada grupo. Assim, entendemos que as questões de identidade são bem mais que um reconhecimento do próprio eu, é valorização, respeito, aceitação do seu modo de viver, de ser, de ouvir o mundo a sua volta. No entanto, somos sujeitos construtores da nossa identidade, esta se constrói a partir dos nossos conhecimentos, da riqueza deixada por nossos antepassados, e que devem ser exploradas no presente através da interação social.

Ao discutirmos as questões culturais que contribuem com o processo identitário, é importante destacar o art. 15 da Constituição Federal (1988) preconiza que:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Adiante os parágrafos reforçam que, § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. § 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Com base na Constituição temos todo direito de manifestar nossas crenças, práticas culturais, entre outras. Diante disso, em 1998 vale destacar que surgem os Parâmetros Curriculares da Educação (PCNs). Neste documento, podemos conferir no capítulo 2, um estudo voltado para a temática “Pluralidade Cultural” no currículo da escola. Conseguimos nesse marco histórico o primeiro de outros passos para a mudança, principalmente em relação às ações afirmativas. Nesse sentido, há uma maior preocupação em tomar conhecimento e buscar o reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Como protagonistas nessa temática, a literatura se encaixa, a princípio, nas disciplinas de História e Artes, no currículo escolar. Isso não quer dizer que as demais áreas do conhecimento não sejam contempladas. Através da história e da Arte podemos atribuir

atividades significativas, lúdicas, para a valorização da cultura negra e do processo de construção da identidade étnico-racial da criança negra. Por isso, faz-se necessário determinado termos em nossos espaços escolares, literaturas com personagens negros.

Assim, a forma que o negro é vista na sociedade terá um novo olhar de forma a contemplar a figura dos negros e seus descendentes no acervo literário brasileiro com aspectos positivos e, contribuindo na construção identitária dos sujeitos.

Entre discursos e práticas, de acordo com os autores Zilberman (2006) e Bettelheim (2001), sem dúvida, a literatura necessita demarcar os seus limites e fronteiras com o que não é literatura ou formas não literárias, e da função que ela exerce sobre contexto emancipatório, reconhecimento e superação de problemas individuais e/ou sociais que provém o seu valor. Além de que, como características intrínsecas estão: a presença do fantasioso, do imaginário, do conteúdo onírico e imagético imbricados; a peculiaridade de apresentar universo em miniatura.

Segundo Gouvêa (2005), as histórias contadas, a princípio, eram representadas como carregadas de valor afetivo, narradas por pretas velhas, associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotípia e simplificação características. É na perspectiva de resgate folclorizado das raízes nacionais que os contadores de história negros eram recuperados nas narrativas, como depositários de uma tradição situada no passado, a ser registrada e resgatada através da literatura infantil. (GOUVÊA, 2005, p. 84).

No campo da diversidade étnico-racial, a identidade é considerada multidimensional, sendo essa acometida tanto na perspectiva social quanto pessoal, ou seja, na coletividade e na particularidade de cada ser.

Em síntese, a literatura infanto-juvenil tem um árduo trabalho ainda de reconhecimento, conscientização e valorização. Pois, mesmo passado anos de luta pela afirmação da identidade étnico-racial, o preconceito ainda é latente, mas não podemos esmorecer. O processo de construção de conhecimento se faz diariamente, e nesse caso, a instituição escolar deve estar sempre atualizada para realizar um trabalho com base nos Documentos Legais e nas práticas sociais que fazem o sujeito interagir e alcançar um patamar de ações positivas com práticas favoráveis ao seu desenvolvimento.

4.1 O papel da escola no processo de construção da identidade étnico-racial

No Brasil, ser negro é tornar-se negro. O conhecimento dessas questões pode nos ajudar a superar o medo e/ou desprezo das diferenças raciais ainda presente na escola e na sociedade. Entender essa complexidade é uma tarefa dos/as profissionais da educação. É tarefa de uma escola que se quer cidadã e, por isso mesmo, não pode deixar de incluir a questão racial no seu currículo e na sua prática (GOMES, 2001, p. 89).

O que falar da escola no processo de construção da identidade étnico-racial? Qual o seu papel nesse processo? Será que ela está, de fato, pronta para trabalhar essas questões? Será que a criança no ambiente escolar tem apoio e incentivo para se identificar com os elementos de sua cultura? Será que a criança se identifica como negra e parte da sociedade? A escola em nossa sociedade tem um papel fundamental na formação educacional do sujeito aprendiz, é lá onde a criança inicia a socialização com outros pares além da sua casa. No entanto, o corpo escolar, digo a equipe pedagógica tem a função de orientar, instruir e mediar o conhecimento a partir das dificuldades dos discentes, e do que é posto como essencial no ensino, e também, incluir no seu projeto político pedagógico a cultura afro-brasileira e africana de forma positiva, para que assim, a criança negra, bem como as demais, possa conhecer a história do povo negro. A partir dessa inclusão, poderemos dizer que há uma relação dialógica na escola, partindo da conscientização, reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade negra no ambiente escolar.

Segundo a autora Nilma Lino Gomes (2002) quando pensamos na especificidade do segmento negro e na sua relação com a educação escolar brasileira: a diferença racial é transformada em deficiência e em desigualdade e essa transformação é justificada por meio de um olhar que isola o negro dentro das injustas condições socioeconômicas que incidem, de modo geral, sobre a classe trabalhadora brasileira. Quem de nós já não ouviu frases como: “o aluno negro é mais fraco e apresenta mais dificuldades porque vem de um nível socioeconômico baixo”; “o aluno negro e pobre não se alimenta direito e por isso é mais desatento”; “eles vêm de uma família desestruturada”; “basta dar alimentação e emprego que os alunos negros se sairão bem na escola e o negro encontrará um lugar na sociedade”.

A referida autora traz apontamentos extremamente válidos para a reflexão acerca do papel da escola no processo da construção da identidade. Uma vez que entendemos que o espaço escolar é o lugar onde iremos partilhar e aprender com todos, e é um lugar, também, de romper esses estereótipos em relação a criança negra, principalmente. Aqui compreendemos que a escola tem a função de preparar o aluno para viver no meio de diversas culturas. Diante

disso, a escola pode ser concebida como o local de encontro de diferentes crenças, formas de ser, de vestir, de pensar, de valorizar e também, sentir tudo isso para a socialização das diversas culturas e seus grupos sociais.

Segundo Dayrell (1996), é importante saber que ter sensibilidade para trabalhar no espaço escolar levantando as questões interculturais significa:

[...] compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, negros e brancos, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores da história. Falar da escola como um espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Assim, o papel da instituição escolar é levar a compreensão de que a identidade étnico-racial se constrói nas nossas práticas sociais e que não há culturas melhores ou piores, e sim, diferentes tipos de cultura. E, devemos respeitar cada uma do seu jeito, dessa forma podemos ter um ambiente menos preconceituoso e propício para uma educação das relações étnico-raciais.

Partindo desse pressuposto, é possível observar que a escola está paulatinamente realizando mais atividades que elevem a cultura negra, mesmo que em pontos estratégicos, com inclusão de projetos pedagógicos, atividades nas datas comemorativas. Mesmo com esse avanço, sabemos que ainda há mais o que ser feito na escola, para que a discussão não seja pontual. Necessita de mais encontros pedagógicos para o corpo docente, pois é possível perceber ainda o despreparo dos profissionais, por isso, voltamos a enfatizar a importância da conscientização dos sujeitos, principalmente daqueles que estão no processo de mediação do conhecimento. Não podemos esquecer que desde 2003 temos a Lei que obriga essa inclusão nos estabelecimentos de ensino, destacando a história e cultura afro-brasileira e africana. Então, a escola tem a obrigação de construir seu projeto pedagógico incluindo essas discussões, visando a valorização do negro e de seus costumes.

4.2 A construção da auto-estima positiva no estudante negro

Professores fazem parte de uma população culturalmente afrobrasileira, e trabalhamos com ela; portanto, apoiar e valorizar a criança negra não constitui em mero gesto de bondade, mas preocupação com a nossa própria identidade de brasileiros que têm raiz africana. Se insistirmos em desconhecê-la, se não a assumimos, nos mantemos alienados dentro de nossa própria cultura, tentando ser o que nossos antepassados poderão ter sido, mas

nós já não somos. Temos que lutar contra os preconceitos que nos levam a desprezar as raízes negras e também as indígenas da cultura brasileira, pois, ao desprezar qualquer uma delas, desprezamos a nós mesmos. Triste é a situação de um povo, triste é a situação de pessoas que não admitem como são, e tentam ser, imitando o que não são (GONÇALVES; SILVA, 1996, p. 175).

Viver bem consiste em estar com sua auto-estima alta, de fato, é importante refletirmos na imagem que formamos para nós mesmos e com base nessa reflexão construir uma visão positiva de si. A auto-estima nos faz aceitar nossa própria cultura e lutar em favor do nosso povo, amenizando o preconceito que ainda é latente na sociedade. É inegável tamanha contribuição que a cultura negra tem no espaço social, e reconhecer nos deixa mais fortes na luta por uma visibilidade maior.

Segundo Lucia Moyses (2004), auto-estima é a percepção que a pessoa tem do seu próprio valor. Em termos práticos esta se revela como a disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar os desafios básicos da vida. Bem, é comum vermos e/ou escutarmos essa fala em relação à auto-estima, porém, em relação à criança negra será que tudo é visto da mesma forma?

Bem, partindo da ideia da autora supracitada vamos imaginar que estamos numa instituição escolar e nos deparamos com um grande número de crianças com características negras, aliás, crianças negras. Infelizmente, no espaço da escola, nos deparamos com crianças negras vistas como o “patinho feio”, são enunciados diversos preconceitos em relação à sua cultura e seus traços fenótipos, como os traços físicos, por exemplo. Assim, tudo que acontece de ruim é atrelado ao estudante negro. Além disso, tomamos como exemplo algumas falas que encontramos no ambiente escolar, “aquele neguinho é uma bênção”, “a família daquele negro é da pesada”, “seu nego fedorento”, “chama aquele menino do cabelo ruim”, “sai de perto de mim, não gosto de você”, “tenho nojo de você”, enfim, as vozes que soam levam sempre o negro a uma situação inferior, como se fosse o pior aluno da sala, e às vezes da escola, a família mais violenta, e o menos agradável de estar próximo. Situações como essas tornam o negro (a) invisível, no sentido de que sua história é negada, sua cultura desvalorizada, e consequentemente não há auto-estima. Infelizmente nos deparamos com situações terríveis ainda, por isso, a necessidade de levarmos para as salas de aula ações positivas, e apresentar o que grandes personalidades negras tem feito no Brasil e no mundo, e enfatizar a importância dos mesmos na nossa cultura brasileira. E na escola podemos começar com as histórias com personagens negros (as) nas leituras diárias.

Diante de tal preconceito e despreparo por parte dos docentes ainda há muito que ser feito. Falando em docência, voltemos aqui aos *campi* universitários, e pensemos na formação inicial dos professores que estão nas salas de aula, será que esses profissionais tiveram uma formação adequada para trabalhar as questões da diversidade? Será que a proposta curricular dos cursos superiores tem a preocupação de levar a discussão para os graduandos em licenciatura? É importante fazer esse questionamento, para não por simplesmente a culpa nos professores que estão no processo escolar das nossas crianças.

Acreditamos que a Universidade tem certa responsabilidade em inserir e abrir um leque de discussão sobre as Relações Étnico-raciais na Educação, para que saia dos bancos universitários profissionais com o mínimo de preparo para os bancos escolares; isso faz com que desperte um olhar a mais e, também, o próprio reconhecimento.

Dentro da conjuntura atual, não é mais aceitável um docente pronunciar simplesmente que está despreparado porque não existe a formação continuada, pois atualmente há inúmeras formas de buscar o conhecimento e nos aprimorarmos também. O que acontece é que muitos profissionais se acomodam e não se atualizam nos cursos oferecidos para formação continuada. Triste ainda saber que muitos estudantes negros se afastam da escola devido ao preconceito racial que sofrem, através de piadas maldosas, e até pelo silêncio do professor, notamos isso no cotidiano escolar.

A baixa autoestima dos alunos negros se dá a partir do ambiente sócio-histórico, e este é reforçado através de ações negativas, como citado anteriormente, e essas atitudes vêm dos próprios estudantes e também do corpo de profissionais da escola. Dessa forma as crianças negras, em sua maioria não têm reação, abaixam a cabeça e silenciam, e também algumas revidam com palavras ofensivas. Certamente, há um impacto negativo na construção do conhecimento desses estudantes negros, porque essas atitudes negativas afetam a vida social, escolar e familiar, desenvolvendo uma baixa estima e em consequência um baixo desempenho escolar podendo ocorrer a evasão dos bancos escolares. Entretanto, ao querer ser diferente e seguir o ideal de branqueamento, as crianças rejeitam sua cor de pele, seu cabelo, seu corpo, seus traços afrodescendentes em geral e, almejam os traços da beleza européia que a mídia não se cansa de destacar. Assim, é importante entendermos que

A reprodução do racismo na escola é um dos temas mais relevantes da agenda dos movimentos sociais negros, em todo o país. Não sem razão, evidentemente. Por trás das altas taxas de infrequência, repetência e evasão escolar verificadas entre as crianças negras, existe um denominador comum: a estigmatização e a desqualificação delas em razão do racismo. (MOREIRA, 1997, p. 102).

É possível notar que os resultados negativos na escola, de várias vezes, dá-se devido à não tolerância da criança de ser vista como fracassada, assim, ela se distancia do ambiente educacional, como forma de se proteger da “ignorância” sofrida na escola. Então, é preciso que tenhamos um olhar sensível em nossa sala de aula, na construção do Projeto Político Pedagógico, no Currículo nas Formações de Professores, também. É fato que a culpa não é designada somente ao professor, cabe aqui uma reflexão acerca do papel do Estado na educação, pois se as falhas ocorrem no sistema educacional muito se deve à ausência do Estado no desenvolvimento do Plano de Educação elaborado pelo mesmo. Todavia, somos todos sujeitos de Direitos e merecemos o respeito, atenção e valorização por igual.

De acordo com Cavalleiro (1999), é impossível negar que a criança negra é a mais afetada e que mais sofre com a discriminação e preconceito, visto passar cotidianamente por maus tratos, agressões e injustiças que afetam sua infância e comprometem seu desenvolvimento, e nem sempre são reconhecidos e admitidos pelos adultos, particularmente pelos seus professores. Por isso, trabalhar a construção e/ou formação da auto-estima no âmbito escolar numa perspectiva multiétnica, passa pela compreensão da equidade, em outras palavras passa pela construção da igualdade na diversidade. Ser diferente não é sinônimo de desigualdade, a compreensão acerca disso é necessária, uma vez que posturas assim podem ajudar na valorização da criança negra e de seus segmentos étnicos. E mais, desenvolve um olhar positivo diante da diversidade e favorece a formação para a cidadania.

Em suma, construir uma imagem positiva da criança negra é extremamente importante, para que o sentimento de ser capaz e valorizada surja e desenvolva a auto-estima. Importante lembrar também, que ser negro (a), hoje, ainda vai além da cor da pele, além de ser também, uma questão política. Ser negro é tomar consciência de sua importância na sociedade, de reconhecer sua capacidade de enfrentar as adversidades, é valorizar sua cultura e aprender com seus ancestrais. Vejamos:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1983, p. 77).

Nessa direção, a escola tem papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança na percepção de sua imagem e valorização de sua cultura. Enfim, torna-se primordial a escola trabalhar as diversas culturas, principalmente a negra, pois dessa forma ela passará a ter um conceito positivo em relação à sua imagem e/ou sobre si, assim, assumirá sua identidade sem receios e lutará pelos seus direitos junto a seu povo. A princípio a escola deve incluir no seu currículo escolar, não apenas como um tema transversal, mas como parte do conteúdo escolar, em geral, em todas as áreas do conhecimento, excluindo a ideia de que só podemos trabalhar as questões culturais nas disciplinas específicas, importante o vínculo interativo das diversas áreas. E reconhecer o negro como sujeito da história.

5 A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA

Neste capítulo, busquei analisar uma prática com resultado positivo a partir de uma experiência própria, quando estava atuando numa turma de 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola no município de Rio Largo, Alagoas. O objetivo foi mostrar uma experiência positiva para trabalhar a diversidade étnico-racial; ao mesmo tempo mostrar o desafio que a escola enfrenta em seu cotidiano, para construir um processo de ensino-aprendizagem significativo e que respeite a diversidade e que possa chegar para ajudarmos na formação de cidadãos críticos e criativos com uma consciência do papel do ser humano no ambiente em que vive.

Para início de diálogo, buscou-se falar acerca da diversidade cultural, pois é preciso que tenhamos um prévio conhecimento das leis que regem o nosso país em relação à dignidade da pessoa humana. Nesse sentido, referenciamos a Constituição Federal (1988), a LDB (1996), a Lei nº 10.639/03 e a Lei nº 6.814/07 essas últimas tratam da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos conteúdos escolares. Dessa forma, consideramos os Documentos Legais que norteiam a educação para trabalhar as questões étnico-raciais em todos os níveis de ensino e em todas as áreas do conhecimento. Assim, como cidadãos compromissados com a educação buscamos, de fato, colocar em prática o teor de nossa legislação, e, ainda, caso ela não contemple, propor, por meio de políticas públicas, ações para tal exercício.

Para desenvolver a experiência a ser relatada, foi necessário o mínimo de conhecimento sobre a literatura infanto-juvenil, como também sobre o ato de contar histórias.

Este é um hábito muito antigo, em que as pessoas que fazem uso dessa arte conseguem estabelecer formas eficazes de comunicação, proporcionando uma experiência que pode ser significativa para todos os que estarão a escutar as histórias.

E conseguir realizar isso em sala de aula, uma vez que ao iniciar cada aula tínhamos um momento dedicado à leitura. A partir da consciência da importância da leitura, bem como da contação de histórias, surgiu a boneca Bibi (personagem interpretado por mim) e a boneca Lelê (interpretada por uma colega de profissão, a Alessandra).

5.1 Caracterização da escola municipal Antônio Lins de Souza

Foto 1: Frente da Escola



Fonte: Acervo pessoal (2012)

A Escola Municipal Prefeito Antônio Lins de Souza está localizada na região metropolitana de Maceió, na cidade de Rio Largo, no Estado de Alagoas, próxima ao Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, no Bairro Tabuleiro do Pinto. É uma escola nova, sua inauguração ocorreu no mês de março de 2010. Sua estrutura física é pequena, conta com apenas 6 salas de aula, 1 sala de informática (utilizada também como sala de vídeo), 1 sala de professores, 1 sala de secretaria, 1 sala de direção, 1 cozinha, 2 banheiros (feminino e masculino), 1 banheiro para funcionários, 1 pátio coberto pequeno. Não há um espaço para refeitório. Todas as salas de aula e sala de informática têm ar condicionado. As salas são grandes, de acordo com a quantidade de alunos.

A Escola não é considerada de difícil acesso, porém, quando chove fica complicado o acesso à escola, todas as ruas ficam inundadas de água, fora uma “poça” de água que fica de inverno a verão em um dos acessos.

No período da pesquisa, durante a manhã, a escola só tinha o ensino fundamental I (2º ao 5º ano), à tarde a clientela era do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e à noite ao EJA (Educação de Jovens e Adultos). As turmas eram: duas do segundo ano, duas do terceiro, uma do quarto e outra do quinto ano. No total, a escola soma em média 400 alunos.

A maioria dos professores é formada em Pedagogia, com exceção de três (Letras, História e Geografia). O corpo docente é formado por mulheres, em sua maioria, no turno da manhã todas as professoras (mulheres), estas possuem especialização em diversas áreas, como, por exemplo, Educação especial, Mídias na Educação, Gestão Educacional, entre outras e apenas uma (que sou eu) cursa Mestrado. Importante destacar também que a maioria das professoras trabalha em outras escolas no turno oposto e duas trabalham os três horários em sala de aula. No início do nosso estudo a diretora e a vice-diretora ainda estavam concluindo o Curso Superior em Pedagogia numa instituição particular.

Sou formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidade (UFAL) e fiz o curso de Mestrado em Educação na mesma instituição. Iniciei a docência no ano de 2011 no município de Rio Largo, após ser aprovada no concurso público, mas, antes disso, tive uma curta experiência na Educação Infantil na rede privada de ensino na cidade de Maceió, Alagoas. Enfim, isso justifica a minha pouca experiência em sala de aula. Sei que ainda vou caminhar muito e que esse momento é apenas o início de uma longa jornada.

O Projeto Político Pedagógico da escola - PPP é recente e ainda se encontrava em fase de construção, a escola foi inaugurada no dia 22 de março de 2010, a partir de 2010 ele começou a ser construído pelo corpo da escola, e quando os novos professores efetivos ingressaram no município o diálogo começou a ser mais constante em relação ao PPP. Foi possível analisar que as questões ligadas à diversidade, assim como a inclusão, praticamente não existiam, bem como a interação escola-família-comunidade-escola.

É necessário destacar que, geralmente, quem participava dos momentos de reformulação do Projeto Político Pedagógico era o corpo docente e a coordenação. A partir do ano de 2011, o PPP ficou mais coerente com a realidade da escola e da comunidade e de forma mais inclusiva. Infelizmente, não tivemos acesso ao projeto. Essas informações nos foram passadas pela coordenação do ano de 2012. A coordenação foi a mais acessível no período das observações, porém nem tudo depende do seu aval. Contudo, em sua fala percebemos o quanto ela (a coordenadora) se preocupava em estabelecer um ambiente harmonioso, interativo e que, de fato, houvesse um diálogo plausível para alcançar a melhoria da escola e ajudar no desenvolvimento das crianças.

5.2 Os (as) alunos (as) do 2º ano: sujeitos (as) construindo sua história

Os(as) alunos(as) do 2º ano do ensino fundamental I, da escola Antônio Lins de Souza estão na faixa etária, entre 7 e 8 anos, ou seja, estão de acordo com a idade/série considerada adequada. A maioria dos alunos (as) mora com o pai e a mãe, é de origem simples e residem em bairros afastados do centro da cidade, a metade dos pais são presentes nas reuniões e plantões pedagógicos, e buscam saber o desenvolvimento de seus filhos (as).

Esta turma apresenta uma infinidade de diferenças, são crianças aparentemente expansivas, apesar de que há alguns super tímidos, mas foi possível observar que com o passar do tempo foram se “soltando” e obtendo uma socialização condizente com a sua idade. Ao enfatizar essa questão da timidez, sempre recordo o estudante C.C.. No início do ano, sua mãe me procurou e falou da sua preocupação com seu filho, em relação à timidez e falta de diálogo em casa, e eu (como docente) respondi que na escola ele também aparentava ter uma timidez excessiva, enfim, no segundo semestre a mesma mãe me procurou novamente e disse: “Estou feliz, o C.C está lendo, escrevendo melhor e se comunicando mais em casa!” Que maravilha ouvir um “testemunho” deste, e claro eu fiquei extremamente contente com essa fala. E melhor ainda foi quando esta mesma criança falou em uma aula sobre profissões, sobre a carreira que pretende seguir, a área jurídica, sendo que esta criança tem um senso de justiça incrível, fato percebido no decorrer do ano.

Acredito que as aulas ministradas nesta turma foram satisfatórias para o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal dessas crianças do 2º ano. Há algo que como professora gosto muito de fazer, são as dinâmicas no início das aulas, bem como a “hora da leitura” e a roda de conversa sobre diversos assuntos. Para ilustrar esse início de diálogo, vamos observar também algumas imagens da sala de aula e das atividades. As aulas eram iniciadas sempre com uma dinâmica e/ou leitura trazendo algum ponto para reflexão, vejamos:

Foto 2: Roda de leitura no 2º ano feita no início das atividades



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Este momento era para que as crianças interagissem umas com as outras e com a professora e, assim, propiciar que o trabalho tivesse um melhor desenvolvimento. Assim, a turma estaria mais entrosada e à vontade para dialogar comigo e com seus colegas. Penso que esses momentos de diálogo foram positivos para uma mudança no olhar dessas crianças, até mesmo na relação afetiva com o outro, muitas crianças não tinham o simples hábito de dizer um “bom dia” ao colega, muito menos um abraço e eu, como professora, na maioria das aulas dava um abraço em cada criança.

Podemos considerar, aqui, através da foto acima, a variação de características de cada um, e que a maioria da turma são crianças negras, daí, nos questionamos: como essas crianças se vêem? Como se auto-afirmam? Qual a ideia de negritude que elas têm? Para alcançarmos uma possível resposta fizemos uma “roda de conversa” onde eu (a professora) me apresentei a turma e disse algumas características físicas e, em seguida, cada criança foi falando sobre as suas próprias características, de acordo com sua imaginação.

Professora 1: Olá, bom dia turma! Eu sou Maria Fabiana, sou negra, filha de pais negros, a cor dos meus olhos são castanhos escuros, tenho cabelos ondulados, longos e escuros (com mechas loiras). Após a minha breve apresentação pedi para que cada um se apresentasse falando sobre suas características.

Aluna 2: Eu sou morena clara, tenho olhos castanhos e cabelos longos e cacheados.

Aluno 3: Sou moreno, tenho cabelos pretos e curtos.

Aluno 4: Sou moreno, tenho olhos pretos e cabelos pretos e médios.

Aluno 5: Sou morena, tenho olhos pretos e cabelos pretos e longos.

Aluno 6: Sou morena clara, tenho olhos castanhos escuros e meus cabelos são encaracolados e castanhos.

Aluno 7: Sou morena, olhos castanhos, cabelos curto e liso. (aluna super tímida, e os cabelos não são lisos).

Aluno 8: Sou preto, olhos pretos, cabelos preto e curto. (falou sorrindo).

Aluno 9: Sou branco, olhos castanhos, cabelos preto, médio e liso.

Aluna 10: Sou morena, olhos pretos, cabelos médios e cacheados.

Aluno 11: Não quis falar!

Aluno 12: Sou moreno, olhos castanhos, cabelos lisos, médio de cor castanho.

Aluna 13: Sou morena, olhos pretos, cabelos pretos, encaracolados e médios.

Aluno 14: Sou branco, olhos pretos e cabelos pretos ondulados.

Aluno 15: Sou negro, olhos pretos, cabelos pretos enrolados.

Aluna 16: Sou branca, olhos castanhos, e cabelos castanhos médios e ondulados.

Aluna 17: Sou branca, olhos pretos e cabelos longos e lisos de cor preta.

Como dito anteriormente as observações e diálogos com a turma se deram em forma de “roda de conversa/leitura/diálogo”, penso que por se tratar de crianças esta é uma forma de interação significativa, um momento de descontração onde a criança está mais à vontade para socializar seus anseios, dúvidas e conhecimentos. Então, esse momento de identificação das suas características se deu em forma de diálogo onde deixei as crianças à vontade para falar sobre como se vêem a partir da sua auto-identificação. Interessante frisar que sempre me preocupei em apresentar textos, como por exemplo, fábulas, contos, personagens, entre outros gêneros que têm negros (as), uma vez que sabemos da obrigatoriedade da Lei 10.639 nos estabelecimentos de ensino. Foi possível perceber que quase nada ou nada as crianças sabiam em relação à cultura afro-brasileira e esse fato ocorre devido à falta de informação no ambiente familiar, e também escolar.

A partir das leituras realizadas em sala de aula, notamos que o conhecimento dos personagens negros (as) nas histórias contadas ou lidas em sala de aula faz com que o sujeito aprendiz desenvolva sua percepção e adquira uma postura mais aguçada em relação ao próprio eu e ao outro. E também, que eu preciso do outro para me socializar, assim, devemos respeitar os limites alheios e todas as diferentes culturas.

Há uma influência dos(as) personagens negros(as) na construção de sua própria identidade. Obviamente, essa não é uma mudança rápida, requer tempo, conhecimento, aceitação e valorização do sujeito. Mesmo que apenas duas crianças se auto-afirmaram negras, isso já foi um ganho positivo, pois em outros momentos essa fala não acontecia (fato constatado em sala de aula), todavia, nessas vozes há uma mudança de concepção em relação à construção da sua própria identidade.

Foto 3: Atividade de alongamento antes da aula começar



Fonte: Pesquisa Direta (2012)

No tocante à Diversidade Cultural sabemos que, ainda, há muita resistência da sociedade em aceitar e respeitar as diferenças. Então, para ratificar o processo de inclusão, destacamos alguns artigos que fundamentam essa discussão.

Na Constituição Federal (1988), em seu art. 1º aponta que, “a República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana”. Destacamos a dignidade da pessoa humana, partindo do pressuposto que todo e qualquer cidadão tem direito a viver em sociedade. Na LDB (ano, art. 26) encontramos as diretrizes que norteiam a educação para a cidadania.

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. § 4º. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e

etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia. (LDB, 1996).

Cabe ressaltar que a Lei Nacional e Estadual para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana traz diretrizes significativas para o processo de construção de identidade dos sujeitos, dos quais destacamos pelo menos dois artigos para reflexão, quais sejam:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. (LEI Nº 10.639/03).

“Art. 3º As Diretrizes Operacionais deverão apresentar obrigatoriamente o direcionamento das atividades curriculares e pedagógicas para a inclusão no projeto institucional das escolas da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana enquanto componente curricular e/ou conteúdo programático das disciplinas afins: história, literatura, português e arte.” (LEI Nº 6.814/07).

Cabe aqui a sensibilização, bem como a conscientização da importância de aplicarmos no currículo escolar a inclusão, de fato, da diversidade étnica. Visto que um enorme passo foi dado, ou melhor, conquistado pelo Movimento Negro para alcançar a aprovação destas Leis que tratam do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Entretanto, é um direito de todos enquanto cidadãos e dever do Estado cumprir com suas obrigações, sendo assim a caminhada em busca da igualdade de direitos estará mais próxima de sua concretude e que os povos se reconheçam e tenham seus valores respeitados. Nesse sentido Jovino (2006) nos afirma que, é comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas. Nisto podemos observar a grande intimidade que há entre a Literatura e a oralidade.

O texto deixa transparecer a construção e a afirmação de valores culturais, morais, éticos e até estéticos (constatamos isto nos contos tradicionais). Com isso podemos sentir o quanto há traços de uma cultura que traz historicamente os valores de uma cultura branca, eurocêntrica, cristã e ocidental surgindo desde então uma representação imagética e sentimentos estereotipados, enquanto que o ideal de beleza que a maioria deseja é aquele que vemos nas passarelas, vindo dos moldes europeus, em contrapartida, é necessário, sim, apresentarmos o outro lado as nossas crianças, pois há uma variedade de modelos de beleza afros.

Entretanto, faz-se *mister* desconstruirmos os pré-conceitos em torno das questões que envolvem o (a) negro (a). E pensar que a construção social e histórica do povo brasileiro se deu evidentemente a partir da mistura de elementos da cultura negra, européia e indígena. No Brasil encontramos pessoas de diversas etnias, a diversidade está presente em todos os lados, basta termos cautela e sensibilidade basta olharmos ao nosso redor. Para tanto, é necessário que haja o envolvimento da sociedade, principalmente no âmbito escolar, uma vez que

estamos formando sujeitos críticos, e bem mais que isso, deve haver criação de política pública para evitar a proliferação de adjetivos negativos ao negro.

5.3 Uma experiência positiva e construtiva na perspectiva da Lei 10.639/03

Em presença desse contexto busquei manter sempre um diálogo com a turma e demais colegas de trabalho. Mesmo com tantos “empecilhos” para se realizar um trabalho coletivo e inclusivo, busquei uma realidade que nos propusesse citar e afirmar que é possível mudarmos nossas ações em sala de aula e promulgar o respeito às diferenças e assim, estarmos fazendo jus ao que diz os Documentos Legais e pensando na construção de uma sociedade coerente com sua população e crítica.

Para termos uma noção de como as aulas foram ministradas nesse período, sintetizei aqui por áreas de conhecimento, como é possível incluirmos no currículo e nos nossos planejamentos a temática em questão trabalhando de forma interdisciplinar podemos alcançar um lugar mais favorável na sociedade. Vamos observar como se deu o processo de inclusão nas áreas do conhecimento.

A propósito em Língua Portuguesa, as minhas aulas iniciam com um momento de leitura, o qual ‘batizei’ de ‘**A hora da leitura**’ e esse é um dos momentos em que as crianças esperam, e isso me deixa fascinada, porque notamos o quanto essas crianças são carentes de leitura. Então, ao início das aulas faço uma leitura e às vezes ouso fazer uma contação de história e aqui apresento alguns personagens negros dentro da literatura infanto-juvenil, a exemplo disto, ‘A menina bonita do laço de fita’, ‘Pretinha de neve e os sete gigantes’, ‘Zumbi’, ‘Benedito’, alguns contos africanos, entre outros. É notável o quanto elas (as crianças) se surpreendem e ficam atentas às ‘histórias’ lidas e contadas, e ao final, os questionamentos surgem, além das comparações com alguns. Fato interessante que gosto de citar é que uma aluna se identificou com ‘a menina do laço de fita’, e ficou feliz em ver uma menina negra numa história infantil com características semelhantes às suas. E agora ela entende que é negra porque tem uma família descendente de negros. E que todos têm que respeitá-la do jeito que ela é. E a aluna se sentia bem quando a chamavam de menina bonita do laço de fita. A reação das outras crianças foi tranqüila, penso que isso se deu ao fato de ter me preocupado desde o início de construir um diálogo constante e falar sempre do respeito às diferenças.

Foto 4: Desenho feito pela professora na hora da leitura



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Ao desenhar, as crianças já sabem que vem leitura. E logo começam a cantar uma musiquinha: “Era uma vez assim vai começar a historinha que a professora vai contar... bem caladinhos nós vamos escutar... para logo mais saber contar!” Este momento da leitura passou a ser muito esperado pela turma, e até mesmo quando eu esquecia as crianças logo se lembravam da história do dia. Devido ao interesse da turma, passei a pedir que cada semana uma criança trouxesse um livro, revista, gibi, livro didático, que tivesse alguma história legal, e eles interagiram e começaram a trazer seus livros. Outra forma que encontrei para introduzi-los ao mundo da leitura foi escolher 5 crianças para levarem um livro para casa (a escolha se deu dessa forma porque tinha poucas obras) além, dos livros também uma criança levava a boneca “Mariazinha” (nome dado pela turma), essa boneca é feita de material reciclável, e ficava em cima da nossa caixinha de leitura, ela era negra, cabelos trançados. O xodó da turma!

Foto 5: Bibi e Lelê, respectivamente



Fonte: Arquivo pessoal (2012)

Ao se aproximar do Dia da Consciência Negra, me preocupei ainda mais em focar o olhar para a população afrodescendente, e organizei meu planejamento em torno da cultura afro em cada área de conhecimento. Citarei algumas das atividades:

Português: Uma das leituras preferidas da turma era “A menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, (pedi para que fizessem um reconto da história - menina bonita do laço de fita - ficaram lindos! (as crianças usaram a criatividade inventando outras situações para o coelho conseguir ficar preto, por exemplo, tomar banho de chocolate, de lama, etc) Infelizmente não tenho registros! Alguns colocaram que o coelho se jogou na lama para ficar preto como a menina, e comeu muito chocolate... E por aí foram inventando! Outra leitura que as crianças gostavam era “Pretinho, meu boneco querido”.

Foto 6: Pretinho, meu boneco querido.
Desenho produzido por uma criança.



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Creio que a partir do contato com esses livros a conversa na sala de aula se tornou mais fluente e o respeito às diferenças de cada indivíduo aumentou. Eu gosto muito de apresentar esse universo que pouco é explorado ainda nos espaços escolares, que é a literatura infanto-juvenil com personagens negros. Além das obras, apresentei as minhas bonecas pretas e o meu boneco preto para a turma, e aproveitei a oportunidade para batizá-los, (foto abaixo) de “João Pedro”, a “Maria Daniele” e a “Ana Sofia”.

Ao interagir com a turma, sempre faço a apresentação dos bonecos (as) para que a turma também, busque o hábito de trabalhar a oralidade através de ação simples como o ato de apresentação, a partir daí, a turma fica mais desinibida e aguça sua mente para a contação de histórias. Nos momentos em que os bonecos estiveram presentes na sala de aula, foi possível notar a alegria e, por vezes, o reconhecimento de sua identidade negra, por exemplo, as meninas usando trancinhas e a boneca também. E sempre havia empolgação e vontade de interagir com os bonecos (as). Nesse sentido, eu os deixava um pouco com cada criança que tivesse o interesse de brincar, passear com os mesmos.

Foto 7: Cantinho da Leitura



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Foto 8: Bonecos da professora utilizados na aula para contar histórias.



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Já na foto 9 (adiante), temos um estudante fazendo sua leitura diária no nosso cantinho da leitura. Esta criança teve um bom desenvolvimento durante o ano que passou nesta turma. Nunca esqueço o dia que sua mãe socializou comigo, radiante de felicidade, um acontecimento em sua residência. A mãe trabalhava durante o dia e, certa vez, ela chegou em casa, cansada, com sono e tendo suas responsabilidades a cumprir, como toda mãe,

trabalhadora, esposa, então, esta criança, pediu para que sua mãe lêsse para ele, assim, mesmo cansada ela começou a ler a história, porém, mostrando muito cansaço, e de repente seu filho diz: “Mãe agora eu vou ler para a senhora dormir!” Fiquei super contente com essa fala, pois mostra que as atividades que exploramos em sala de aula estão sendo apreendidas por nossas crianças, ao menos por uma parte da turma. Este cantinho ficava geralmente no centro da sala de aula, ou ao lado do quadro. As crianças gostavam muito da história do Patinho Feio, Bruna e a galinha d’angola, entre outras.

Foto 9: Criança fazendo leitura

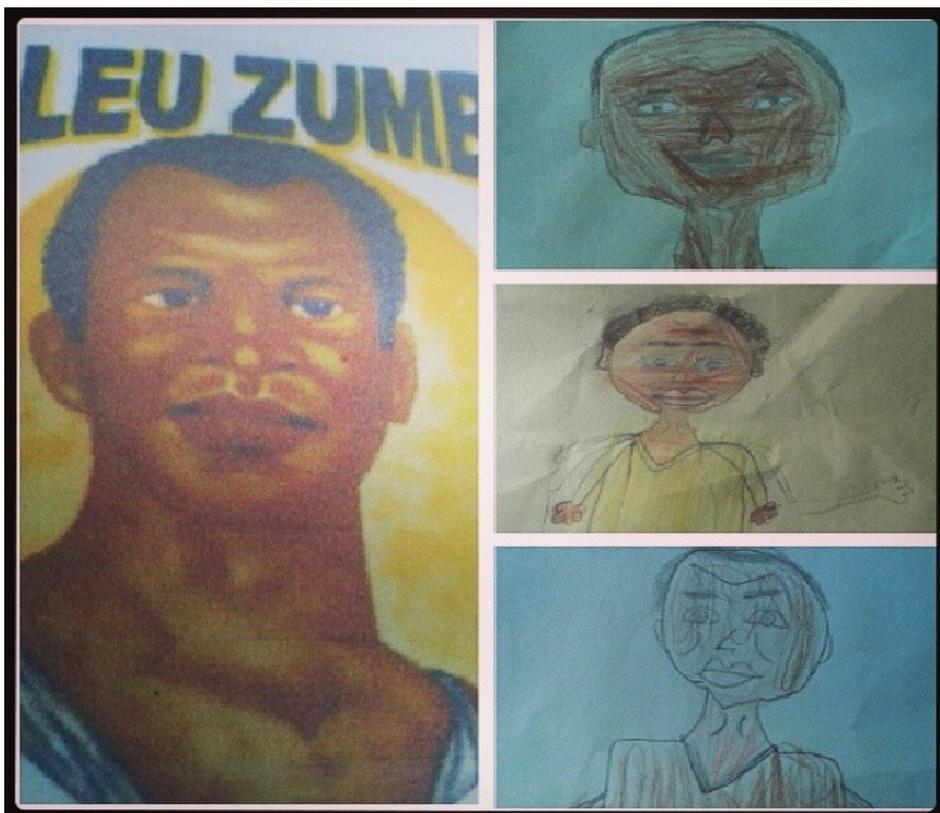


Fonte: Acervo pessoal (2012)

História, nesta área do conhecimento, pedi para que levassem uma foto de alguém da família com quem cada um parecia, e assim o fizeram, alguns trouxeram foto com o pai, com a mãe, irmã, irmão, enfim, montamos um mural: Minha família é linda. O resultado foi bem positivo, pois as crianças começaram a dialogar, na roda de conversa, e todos respeitando sempre a fala dos colegas. Além disso, falei sobre o Dia da Consciência Negra, por que existe

esse dia. E fizemos um texto informativo no caderno. Também foi realizada outra atividade bastante pertinente, pegando o gancho do referido dia. Levei para a aula uma imagem de Zumbi, falei de sua importância, destaquei o quilombo mais importante do nosso Estado, entre outros. A partir dessa apresentação, pedi para que a turma desenhasse tal qual a imagem que eles vêem de Zumbi. E o resultado foi extremamente prazeroso!

Foto 10: A foto de Zumbi e ao lado o desenho feito por três crianças.



Fonte: Acervo pessoal (2012) Autoria de: Carlos Eduardo (7 anos), Diná (6 anos) e Caio (7 anos).

Geografia: nesta realizou-se uma exposição dos mapas: do Brasil e do Continente Africano e na roda de conversa começamos a comparar os dois mapas. Expliquei que a África não é um país e sim, um continente; falei também o que é um continente, sobre o oceano que divide os continentes, entre outras questões. As crianças acharam que os mapas são parecidos.

E depois do nosso diálogo, entenderam a diferença de um continente e um país. Também expus as diferenças de: climas, cultura, população, economia. Fizemos um painel (O antes e depois do continente africano – Desmistificando as visões estereotipadas) com imagens do antes e depois de conhecer o continente africano. Aqui foram bastante pertinentes

as ilustrações, pois, a maioria das crianças via o continente africano como o lugar dos leões, elefantes, etc. E depois do diálogo, surgiram desenhos com casas, bairros, pistas, carros, escolas, hospitais, etc. Então os estereótipos foram sendo amenizados. Nesta atividade vários foram os desenhos, mas destaco apenas um nesse momento.

Foto 11: O antes e o depois do Continente Africano

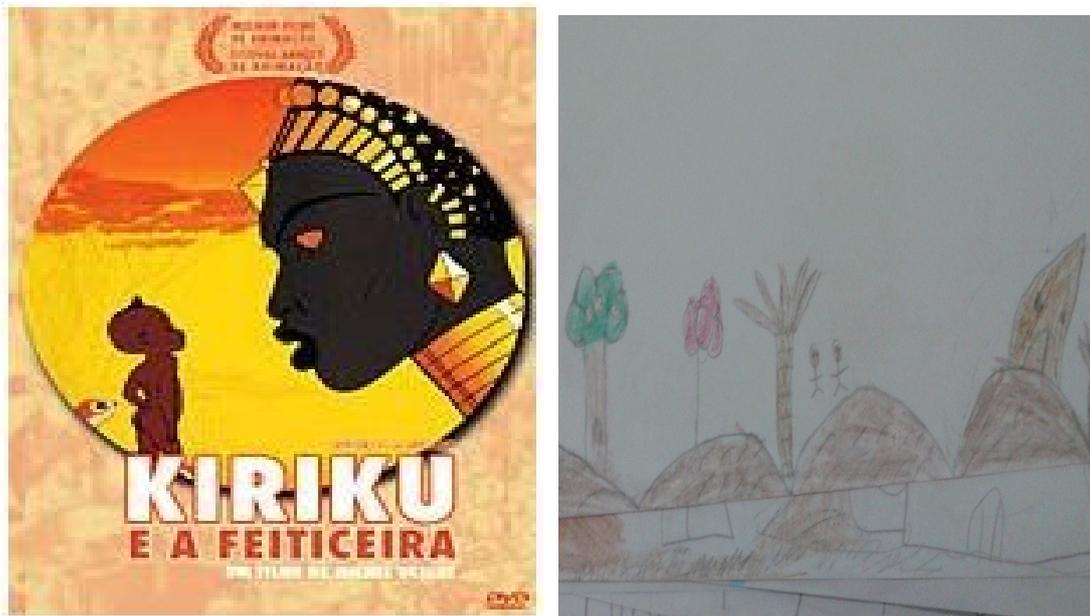


Fonte: Acervo pessoal (2013). Aluno L.R (7 anos) e aluna E.V (8 anos).

Ensino Religioso: nesta disciplina trouxemos a discussão da diversidade religiosa, falei das religiões de matriz africana, e da importância de respeitarmos, e não tratar os colegas com indiferença por conta da sua crença religiosa. Durante a interação com a turma, uma criança se pronunciou e disse: ‘minha avó tem um terreiro, tia!’ as outras crianças ficaram curiosas, querendo saber onde ficava ela só falou que era no interior onde morava, daí não soube explicar mais. Achei super interessante à forma como ela se expressou, e mais ainda a maneira da turma se comportar, acredito que ali já estava acontecendo uma mudança, mesmo que mínima, na cabecinha da turma. Claro que não posso negar que ainda saíram algumas risadas, mas nada além disso. E então, fechamos a discussão com um samba de roda. Foi um momento de pura confraternização da turma. As crianças dançaram, sambaram, brincaram à vontade! Os sambas foram estes: Samba Lelê (Popular) e Roda de Samba (Fundo de Quintal).

Em **Artes e Recreação**, levei o vídeo ‘Kirikú e a feiticeira Karabá’ e fomos para a sala de informática/vídeo. A hora do vídeo é sempre bem esperada, e nesse dia não foi diferente, as crianças ficaram curiosas para assistirem. Até então não tinham conhecimento do filme que falei. Ah, desculpas, uma criança falou que tinha visto. A sessão de cinema foi um sucesso, amaram o filme! E, claro, cantando a musiquinha ‘Kiriku é pequeno, mas é muito esperto’ (risos). Kiriku é um lenda africana de produção francesa, traz como personagem principal um herói, na figura de um menino, pequeno, inteligente, guerreiro que morava em uma aldeia no Senegal, na África. Então, Kiriku tem a tarefa de descobrir o porquê de a feiticeira Karabá ser tão má, porque a fonte de água secou, etc, mas Kiriku é zombado por todos, por ser uma criança, mas ele não desiste e segue sua luta. Apenas sua mãe o entende! Bem, quem ainda não assistiu, tem que correr e assistir! O filme traz alguns ensinamentos, como por exemplo, a agir no tempo correto, a amar seu lugar e o seu povo, ensina que o amor de mãe é indescritível, que o bem sempre vence o mal, e termos paciência.

Figura 12: Capa do filme e desenho feito por uma criança



Fonte: Acervo pessoal (2012). Aluno L.R (7 anos).

Enfim, ao voltarmos para a sala, as crianças já foram pedindo para desenhar o filme, e montamos um painel: Imagem do filme - Kirikú e a feiticeira Karabá. Além disso, pedi para que escrevessem a história de Kirikú. Os desenhos ficaram lindos! E guardamos o painel para expor no final do ano, no projeto de leitura e escrita. Esse projeto foi desenvolvido durante todo ano letivo com o objetivo de incentivar a leitura e escrita, e facilitar o processo de

alfabetização. Um projeto construído pela equipe pedagógica da escola. Daí, no final do ano todas as turmas teriam que apresentar alguma atividade que envolvesse a escrita ou leitura. Então, a minha turma ficou responsável em apresentar um mini-teatro com a história: “A menina bonita do laço de fita” e como eles (as crianças) gostaram muito do filme, montamos um painel sobre o filme para a exposição na sala de aula. Entretanto, a turma se encarregou de interpretar a “Menina bonita do laço de fita”, a escolha dos personagens foi feita por eles mesmos, fizemos uma votação, e depois dei as falas para cada um, ficaram encantados! E o resultado foi belo, até me emociono em falar, sabe, pois foi um momento único e bastante gratificante em ver um trabalho que idealizei sendo executado em meio às várias dificuldades.

O que me chamou a atenção, até de outros professores foram às lágrimas nos olhos de alguns pais. Os mesmos mostraram emoção, ao ver seus filhos representando uma mini-peça teatral de forma livre. Outro ponto foi o seguinte, a peça foi encenada na própria sala, preparei o ambiente junto com as crianças, e como o espaço é pequeno não deu para aglomerar todas as pessoas, e então, as colegas de trabalho solicitaram outra sessão. Tão bom quando seu trabalho é reconhecido! (Tremenda alegria!) Os pais presenciaram, foi um momento de diversão, conhecimento e satisfação!

Na área do conhecimento da **Matemática**, o diálogo se deu a partir dos reinos africanos e das riquezas do continente. E dos monumentos arquitetônicos que lá surgiram. Fiz essa leitura de forma mais lúdica, para que entendessem melhor, e algumas crianças até falaram ‘tia, vou construir palácios como os africanos’. Confesso que essa foi a disciplina que tive mais dificuldade.

Bem, a análise que faço após a realização destas atividades e de todo esse trabalho é que a partir do momento em que a escola e seu corpo docente incluírem as leis 10.639/03 e 6.814/07 em seus planos de aula seja qual for a disciplina, estaremos amenizando o preconceito em sala de aula, levando para o espaço escolar um contexto favorável (incluindo, de fato, um currículo motivador, e que nos possibilite ir além do desejado, que contemple a diversidade de modo geral e, em específica, a cultura africana e afro-brasileira; é preciso que haja uma conscientização, sensibilização, aceitação e valorização da cultura afro. E que possamos ajudar a tantas crianças e famílias que enquanto negros não se reconhecem, (porque isso foi construído socialmente – a negação da sua raça!), devido ao preconceito que sofrem que, além de ser social, é também racial. Assim, a população afrodescendente estará sendo reconhecida e respeitada, nesse caso, no âmbito escolar, lembrando que é aqui que as crianças começam a formar seus conceitos e opiniões acerca dos vários assuntos, além da formação de sua própria identidade. Vale ressaltar a importância da escola como um todo, pois assim

estaremos mais fortalecidos no combate ao preconceito. Sei que tudo isso ainda é pouco, mas é assim que caminhamos! (Professora Maria, novembro de 2012)”.

Notamos que o desafio que ainda vivenciamos é o desenvolvimento de um projeto político pedagógico que englobe não só no papel (pois estar no projeto pedagógico não significa estar na prática efetiva.), mas na prática coletiva a diversidade cultural para a promoção da identidade cultural dos alunos. Importante falar que os Documentos Legais que regem o nosso país desde a Constituição citam aspectos fundamentais, porém, as escolas ainda estão distantes de concretizar, pois não há um comprometimento coletivo. Infelizmente a história que é passada na maioria das escolas está arraigada a conceitos equivocados onde trazem o negro escravizado.

O trabalho também propôs um bom desenvolvimento acerca da inclusão da Diversidade Cultural, com ênfase na Literatura Infanto-Juvenil no ambiente explicitado, afirmando também a importância dos Direitos Humanos acerca do tema. Sabemos que pouco é feito com relação a essa temática, por isso propusemos trabalhar com base na Literatura Infanto-juvenil, pois, esta se apresenta como um fio condutor na linguagem a ser conhecida e apreciada, e nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de opinião. Além do componente escrito, há outro de extrema importância a ser trabalhado pelos docentes: são as imagens ilustradas que constroem todo um enredo sobre o mundo imaginado.

A literatura surgiu como material extremamente rico para os educadores. Nesse sentido é necessário que os docentes participem das formações que são organizadas para a classe, e assim haja uma maior discussão da questão no ambiente escolar. Entretanto, é primordial que o currículo da escola, bem como o Projeto Político Pedagógico, esteja contemplado com a diversidade étnica, além da Educação em Direitos Humanos, de extrema importância no ambiente escolar, porque a partir dela podemos saciar vários anseios que permeiam a educação escolar.

Um fato importante de evidenciar aqui é que durante o período, esse tempo foi no segundo semestre no ano de 2012, a princípio foram feitas observações na turma, diálogo constante em relação aos personagens negros, utilizando como instrumento os livros de literatura infanto-juvenil que tínhamos no momento (Menina bonita do laço de fita, Bruna e a Galinha d'Angola, As tranças de Bintou, Pretinho, Meu Boneco Preferido, entre outros), trabalhando muito com desenhos, pois a turma ainda não estava alfabetizada, assim a entrevista escrita ficou difícil de ser realizada, por isso fizemos uma breve entrevista oral com a turma.

Observada necessidade de um momento de “reciclagem” levamos uma formação para o corpo docente e todos os funcionários da escola sobre a Lei 10.639/03. Para que ocorresse a palestra, fiz o convite ao colega Professor Msc Williem Freitas, o qual logo aceitou e então, junto à coordenação e direção que aceitaram, decidimos uma data e realizamos o momento. Infelizmente apenas o corpo docente e uma auxiliar de sala participou do início ao final, e para celebrar esse momento organizamos um café regional. Esse momento aconteceu por iniciativa minha, enquanto docente da instituição, e reconhecendo as ausências que ainda são encontradas nesse espaço em relação ao diálogo das relações raciais.

Em suma, esse momento de diálogo com m professor externo provocou a equipe pedagógica, bem como os demais funcionários que estiveram presentes. Assim, pudemos notar o quanto os profissionais estão distantes dessas discussões mesmo estas sendo tão atuais e tão freqüentes nos espaços escolares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade que encontramos nesta pesquisa mostrou o quanto ainda nossa sociedade e em específico a escola tem de avançar nas questões que envolvem as relações étnicas e raciais na educação brasileira. E como a literatura infanto-juvenil com personagens negros tem sua importância no processo educacional, partindo do pressuposto de que somos parte da história que nos é contada, muitas vezes de forma errônea, e desse modo, a diferença deve ser feita por nós sujeitos pensantes e críticos. E nesta ocasião, temos a oportunidade de trazer à tona questões pertinentes ao povo negro, como sua cultura, a identidade étnico-racial, a literatura afro-brasileira e africana, a cultura afro nos Documentos Legais, desde a Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/96 até a Lei 10.639/03 que obriga a inclusão da temática nos estabelecimentos de ensino.

Notamos que as formas de diluir o preconceito por meio da educação tomou um crescimento a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, desde que a Lei 10.639/03 ganhou espaço na sociedade. Embora tenhamos ciência de que a educação é um direito de todos e que deve ser posta sem distinções, ainda há muito que se discutir para alcançar o nosso espaço.

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir. Forçoso é reconhecer, porém, que muitos professores não sabem como proceder. É preciso ajudá-los, pondo ao seu alcance pista pedagógicas que coloquem professor e alunos frente a frente com novos desafios de aprendizagem. O combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana, povos e nações, valorização que se alcança quando descobrimos que as pessoas, mesmo com suas dessemelhanças, ainda são iguais entre si e iguais a nós, com direito de acesso aos bens e serviços de que a sociedade dispõe, de usufruí-los, criar outros, bem como de exercer seus deveres em benefício próprio e dos demais. (LOPES, 2005, p. 187).

Deste modo, o espaço educacional é o lugar de extrema importância para resgatar a cultura afro-brasileira e africana e entendermos que fazemos parte da história brasileira, de sua construção. Logo, a visibilidade dos nossos pares é destaque, pois ser negro significa conhecer-se, aceitar-se, pertencer a um determinado grupo que tem o direito de ser respeitado

e valorizado pelo outro, respeitando seus costumes, suas crenças religiosas e, claro, por sua identidade étnico-racial.

Todavia, ao avaliarmos algumas literaturas infanto-juvenis foi possível ver o quanto rica é nossa literatura, nesse caso, a Literatura Infanto-Juvenil - LIJU e que atualmente temos um número significativo de livros com personagens negros e que esses nos traz histórias incríveis de nossos antepassados, que reportam à cultura afro-brasileira e também africana como eixo central no diálogo.

Com base nos nossos estudos constatamos que houve um avanço no quesito inclusão da diversidade cultural e étnica nos espaço escolar observado, e mesmo diante de tanto preconceito, ainda há profissionais interessados em se aprofundar no tema, e que têm consciência de seu trabalho do quanto ele é motivador e transformador. Verificamos também, que o Estado tem sua parcela de culpa pelo atraso em relação à inclusão da temática relações raciais na educação, que mesmo havendo uma pequena discussão, falta ainda um investimento maior nesse certame.

Em linhas gerais, foi plausível constatar que ao incluirmos de fato em nossas salas de aula, atividades com os personagens negros, obtivemos um melhor resultado do reconhecimento, da aceitação, e valorização do negro. Certamente, ao ver e ouvir histórias com personagem principal negros (as), a criança inicia um processo de construção de sua própria história e de autoafirmação, já que antes a criança não tinha essa visão de que a beleza afro também é bela. Por isso, a sensibilização através da literatura infanto-juvenil é de extrema relevância. Segundo Munanga, (2005, p. 17) “Cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.”

Enfim, é preciso estar aberto ao conhecimento para inovar na prática de sala de aula nas atividades direcionando um olhar positivo as relações raciais, assim, as crianças aprendizes poderão futuramente construir suas próprias considerações em relação a si mesmo e ao outro.

A literatura, na sociedade negra, sempre teve uma função social, fato este que se tornou mais acentuado pelas exigências históricas. O sofrimento necessita de luta, para ser sobrepujado e qualquer arma, inclusive a literária, tem que ser usada. Para transformar o presente de miséria, em futuro de felicidade, o artista tem que se comprometer a descrever, tão sinceramente quanto possível, este presente [...] (FEMI OJO-ADE, 2010, p.121)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. 3. ed. Rio de Janeiro: EDC; Pallas, 2003.

BIASIOLI, Bruna Longo. AS INTERFACES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: PANORAMA ENTRE O PASSADO E O PRESENTE. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. Volume 9 (2007). Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. São Paulo: Ática, 2000. p.36 e 37.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

BORG DAN, R.C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora, 1977.

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Orientações e Ações Para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394 nº 7 – dezembro de 1996. Brasília: DF, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: DF, 2005.

BRASIL. **LEI nº 6.814/07**. Disponível em: <<http://www.gabinetecivil.al.gov.br/legislacao/leis/leis-ordinarias/2007/lei-ordinaria-6814/?searchterm=palmares>>. Acesso em: 08 set. 2012.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Ponta Grossa:2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx>>. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, 2004. Acesso em:

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação Racial na Escola. In: LIMA, J. C.; ROMÃO, J.; SILVEIRA, S. M. (Orgs). **Os negros e a Escola brasileira**. Florianópolis: NE, n. 6, 1999, p. 49-80. (Série Pensamento Negro em Educação).

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. Contexto, 2003.

COSTA, Candida S. da et al. (Orgs.) **Educação e Diferenças: Os desafios da Lei 10.639/03.** Cuiabá: EdUFMT, p.147, 2009.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Ed. UFMG, 19996.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Documents/UFAL%20P%C3%93S%202011/Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.htm. Acesso em: 23 de set. 2012.

DIOUF, A. Sylviane. **As tranças de Bintou.** Tradução Charles Cosac. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FEMI OJO- ADE. **Negro: Raça e Cultura.** EDUFBA, p.121, 2010.

FERREIRA, Hugo M. **Benedito.** Ed. Paulinas, 2005.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. **Educação e Diversidade Étnico-Cultural no âmbito da Escola Municipal Helena Magalhães.** Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=80260>. Acesso em: 08 set. 2012.

FREITAS. Williem da S. **Educação das relações raciais: a implementação da Lei 10.639/03 no contexto das escolas pública e privada de Maceió (Dissertação de Mestrado).** UFAL, 2013.

FREIRE, Gilberto. 1933

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03.** Ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial no contexto brasileiro. In: GOMES, Nilma Lino (Org). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais.** BH: Autêntica, 2007, p. 97-109.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03.** A cor da cultura, 2011. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011>>. Acesso em 25 fev. 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 07 fev. 2013.

GOUVÊA, Maria Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com Personagens Negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, M^a Nazaré. (Org.). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: FCP, 2006.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. 1998. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo:Ática.

LIMA, Heloísa P. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: Kabengele MUNANGA(Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2008, p. 97-111.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Nacional. 1937.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Editora Ática, 2000.

MOREIRA, Diva. Racismo na escola. **Presença Pedagógica**, v. 3, n.16, jul/ago, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na Escola**. Brasília: MEC, 2005.

NEGRÃO, Esmeralda V. A Discriminação Racial em Livros Didáticos e Infanto-Juvenis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 86-87, nov. 1987.

SANTOS, Verônica Oliveira; PIEDADE, Cristiane da. **O Preconceito contra o negro dentro da literatura infanto-juvenil**. 2010.

SANTOS, Lorene dos. Ensino de história africana e afro-brasileira: dilemas e desafios da recepção à Lei 10.639/03. In: AUTOR. **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p 57 – 83.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SOUZA, Elizabete Fernandes de. Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p.39 -63.

SOUZA, Andréia L. A Representação da Personagem Feminina Negra na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. In: MEC: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC e SECAD, 2005, p. 185-204. (Coleção Educação para todos).

_____. Personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil: rompendo estereótipos. In: Eliane Cavalleiro (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação**: representando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p. 195-213.

SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazaré (Org.) **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SUASSUNA, Clara. **Alagoas Quilombola**. Kulé-kulé (org). Maceió: Edufal, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A – FOTO: ATIVIDADES DE ARTES



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

Foto: Cantinho da Leitura



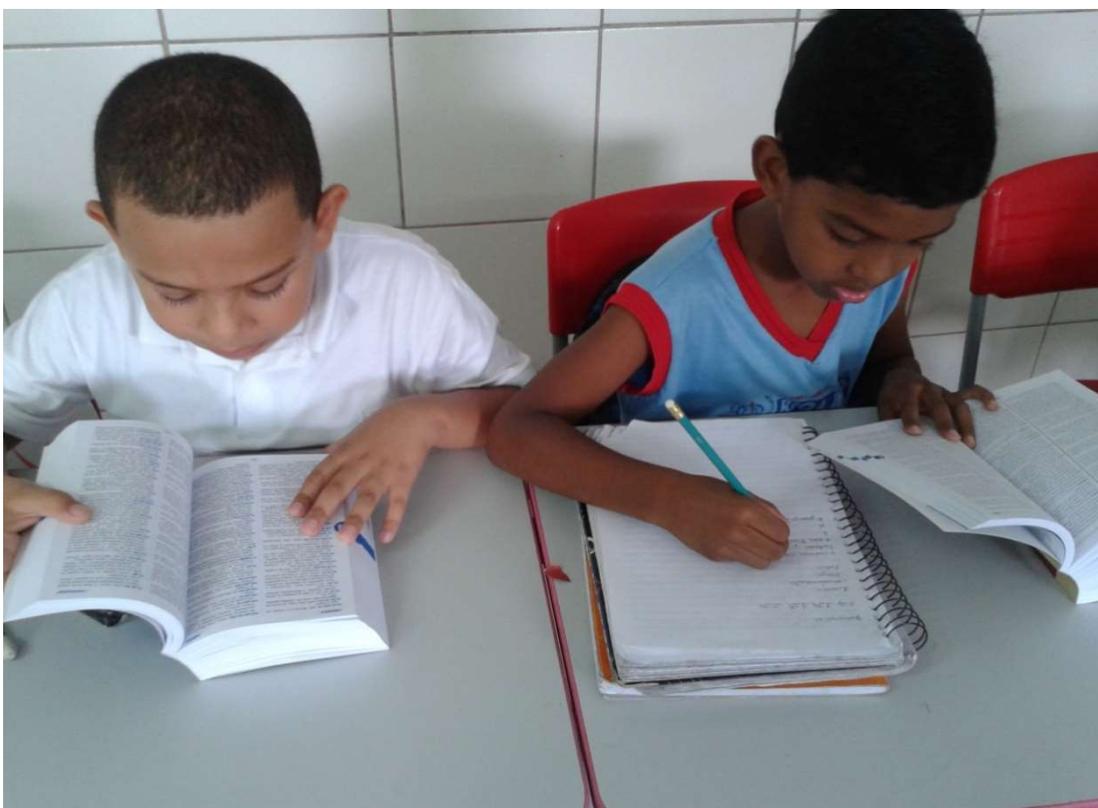
Fonte: Acervo Pessoal (2013)

FOTO: MURAL DOS SENTIMENTOS



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

FOTO: USANDO O DICIONÁRIO



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

FOTO: APÓS CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM O BONECO PEDRINHO



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

FOTO: CANTINHO DA LEITURA



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

APÊNDICE B - FOTOS LELÊ, MARIA DANI, ANTONELLA E BIBI

Fonte: Acervo Pessoal (2012)

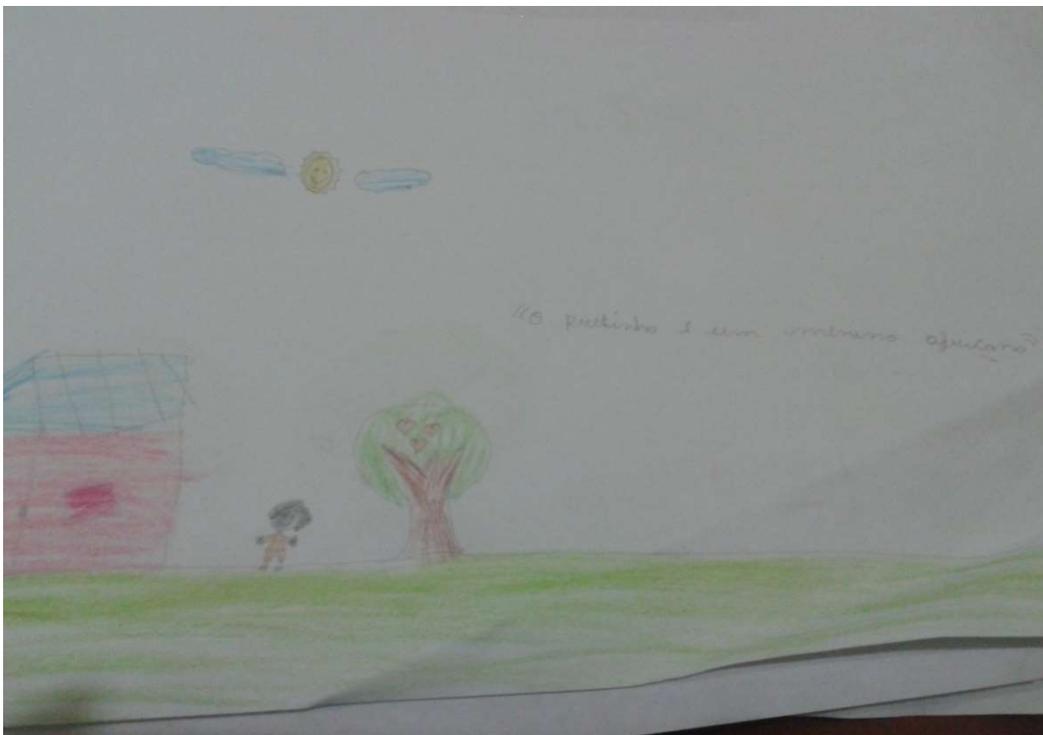
FOTO: BIBI E LELÊ



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

APÊNDICE C – ATIVIDADES DIVERSAS

FOTO: PRETINHO, MEU BONECO QUERIDO



Fonte: Acervo Pessoal (2012)



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

O QUILOMBO DOS PALMARES – SERRA DA BARRIGA

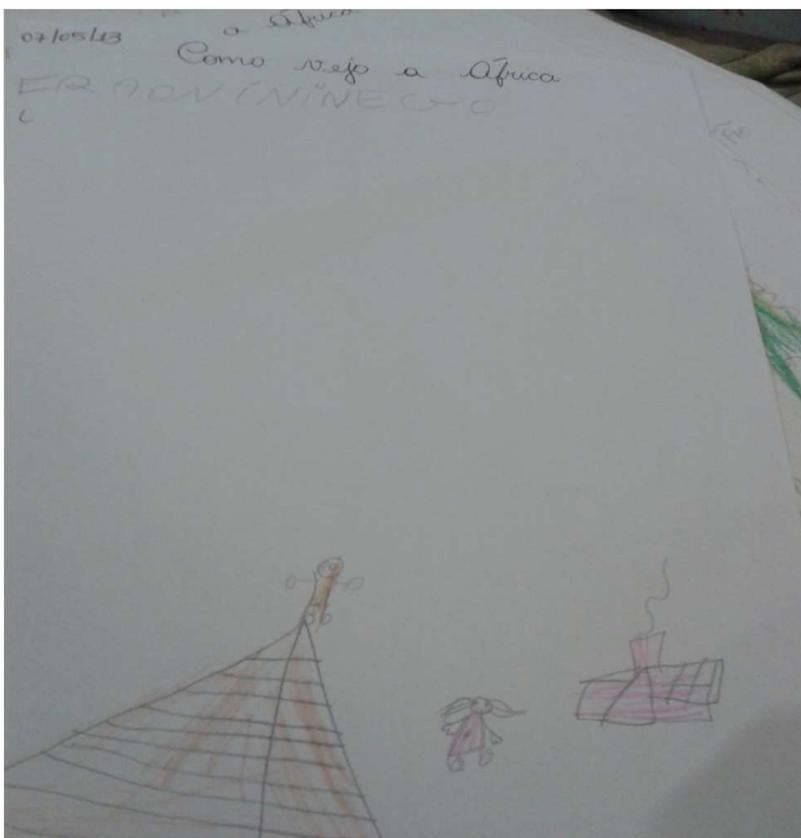


Fonte: Acervo Pessoal (2012)



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

FOTO: COMO VEJO A ÁFRICA!



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

APÊNDICE D – MOMENTO DA PALESTRA SOBRE A LEI 10.639/03

Fonte: Acervo Pessoal (2012)

APÊNDICE E – MÚSICAS

Samba Lelê

Samba Lelê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
É de umas boas palmadas

Samba, samba, Samba ô Lelê
samba, samba, samba ô Lalá
Samba, samba, Samba ô Lelê
Pisa na barra da saia ô Lalá

Samba Lelê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
É de umas boas palmadas

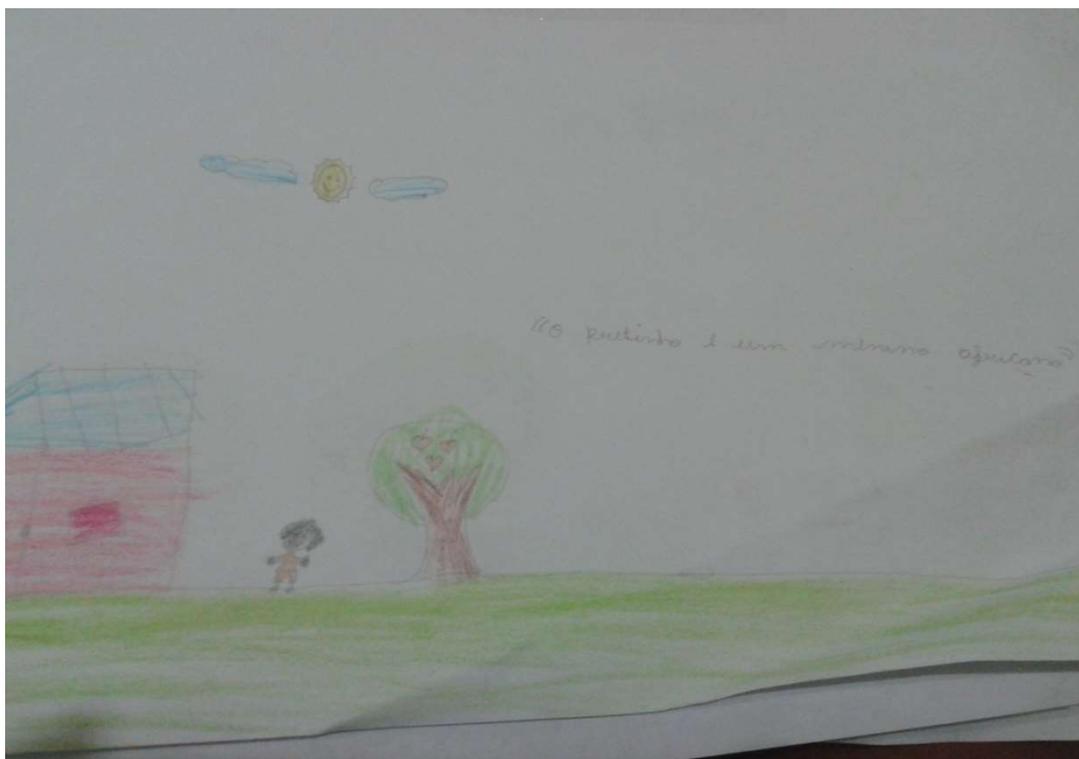
Samba, samba, Samba ô Lelê
samba, samba, samba ô Lalá
Samba, samba, Samba ô Lelê
Pisa na barra da saia ô Lalá

Roda de Samba

No meio da roda eu nao marco bobeira
Eu entro na roda e nao levo rasteira
Lá no terreiro eu levanto a poeira
É roda de samba e tem capoeira
Menina baiana que desce a ladeira
Sambando na roda nao é brincadeira
pego a minina e caio na zueira
É roda de samba e tem capoeira

Pega a viola que eu quero te ver sambar
Firma o batuque pro nego cantarolar
Eu quero ouvir mais palmas, mais palmas
Mais palmas sem parar
É roda de samba que tem capoeira

PRETINHO, MEU BONECO QUERIDO



Fonte: Acervo Pessoal (2012)

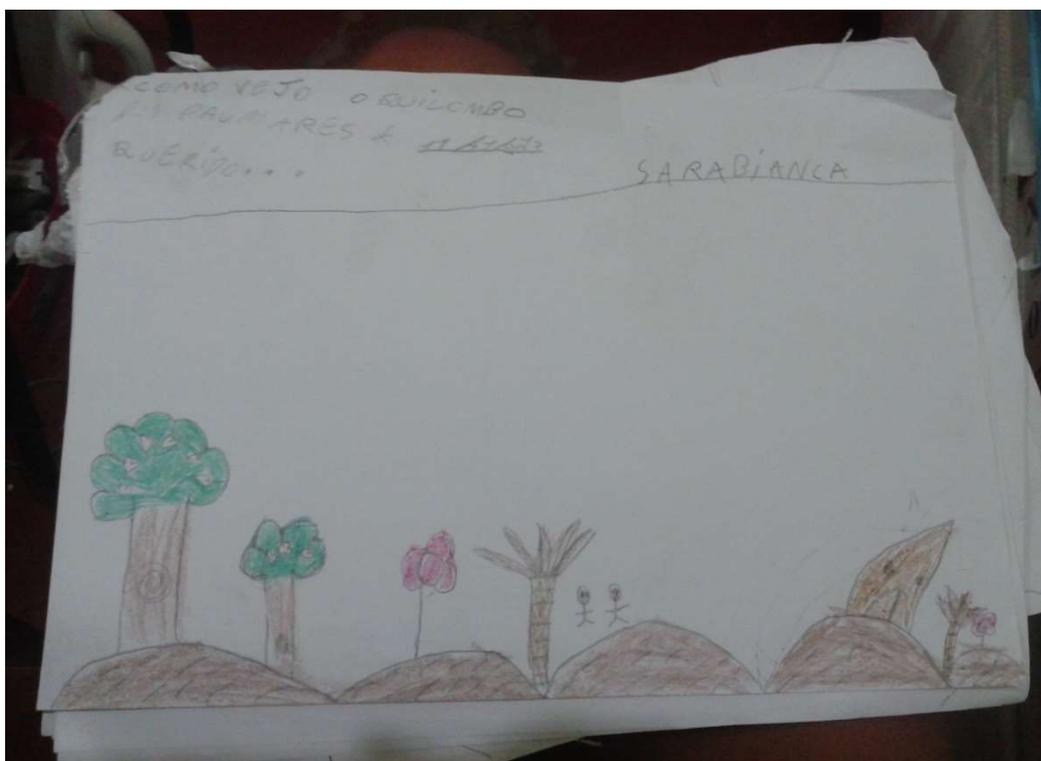


Fonte: Acervo Pessoal (2012)

O QUILOMBO DOS PALMARES – SERRA DA BARRIGA

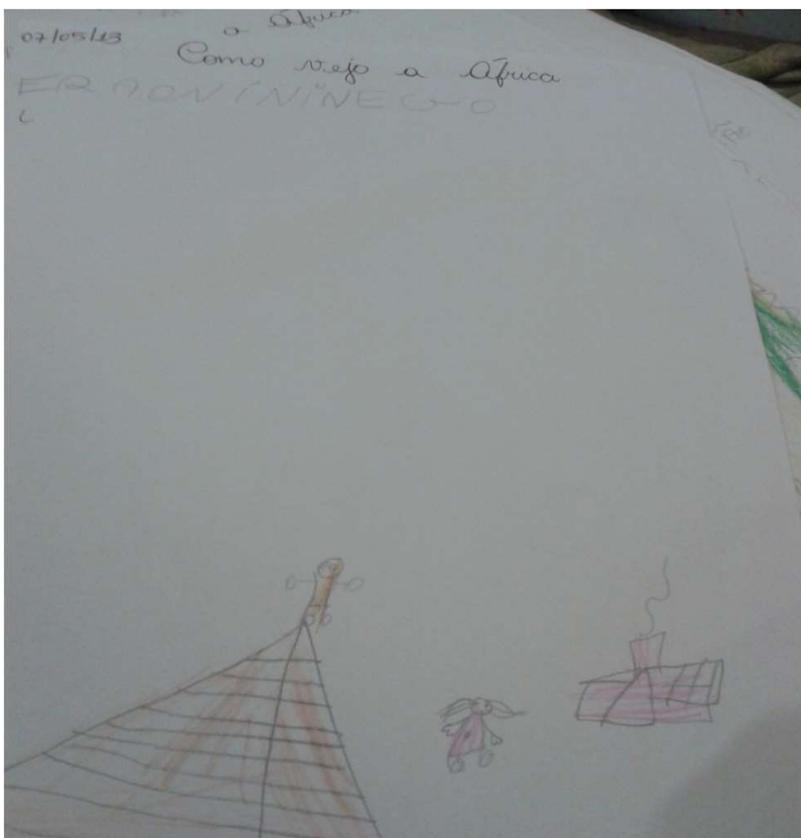


Fonte: Acervo Pessoal (2012)

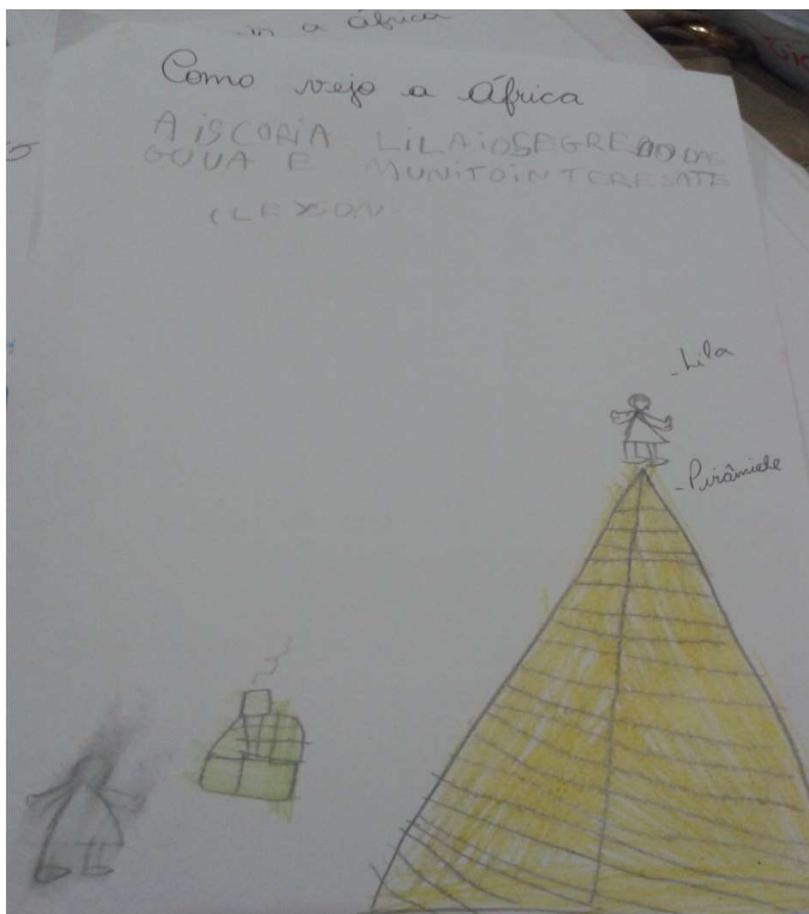


Fonte: Acervo Pessoal (2012)

COMO VEJO A ÁFRICA



Fonte: Acervo Pessoal (2012)



Fonte: Acervo Pessoal (2012)